



MALETA PEDAGÓGICA:

**Contos, Perguntas Reflexivas e Vídeos Informativos
Sobre o Ensino Médio Integrado à EPT**

Angela Maria Queiroz
Andréia Modrzejewski Zucolotto



PROFEPT
INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Sul

MALETA PEDAGÓGICA

Contos, Perguntas Reflexivas e Vídeos Informativos
sobre o Ensino Médio Integrado à EPT

Autoras

Prof.^a Angela Maria Queiroz

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4768813899733387>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1827-075X>

E-mail: angeladeletras@gmail.com

Prof. Dr.^a Andréia Modrzejewski Zucolotto

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7037993972765394>

E-mail: andreia.zucolotto@poa.ifrs.edu.br

Ilustração da capa

Maleta: Júlia Queiroz Paludo

Avatar: Aplicativo Mirror



O trabalho "Maleta Pedagógica" de Angela Maria Queiroz e Andréia Modrzejewski Zucolotto está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Q3m Queiroz, Angela Maria.

Maleta pedagógica: contos, perguntas reflexivas e vídeos informativos sobre o ensino médio integrado à EPT; coautora: Andréia Modrzejewski Zucolotto – Porto Alegre: 2020.

ISBN: 978-65-86734-99-7

Recurso Digital: Formato [ebook: maleta pedagógica]

Produto Educacional (Mestrado) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Porto Alegre. Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - PROFEPT. Porto Alegre, 2020. Coautora: Profª Drª. Andréia Modrzejewski Zucolotto.

1. Educação Profissional e Tecnológica 2. Ensino Médio Integrado. 3. Proeja. 4. Trajetória Escolar. I. Zucolotto, Andréia Modrzejewski, coautora. II. Título

CDU: 377

Bibliotecário responsável: Filipe Xerxeneski da Silveira – CRB-10/1497

Descrição Técnica do Produto

Nível de Ensino a que se destina o produto:

Ensino Fundamental/ Educação Básica

Área do Conhecimento: Ensino

Público Alvo: Estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental

Categoria deste produto: material textual e audiovisual

Finalidade:

Estratégias para orientar estudantes, concluintes do Ensino Fundamental, para a continuidade da trajetória escolar no Ensino Médio, na perspectiva da Educação Profissional e Tecnológica, inclusive na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA).

Organização do Produto:

A Maleta Pedagógica é uma proposta de ensino composta por: material textual (livro com textos do gênero conto contendo dezoito histórias; livro-caixinha contendo cem perguntas) e audiovisual (seis vídeos educativos) desenvolvidos para reflexão e orientação no ingresso ao Ensino Médio Integrado à Educação Profissional e Tecnológica.

Registro do Produto:

Disponibilidade:

Irrestrita, mantendo-se o respeito a autoria do produto, não sendo permitido uso comercial por terceiros.

Divulgação: Por meio digital.

URL:

Idioma: Português

Cidade: Porto Alegre | País: Brasil

Ano: 2020

Origem do Produto:

Desenvolvido no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Rio Grande do Sul - Campus Porto Alegre – ProfEPT – IFRS-POA.

APRESENTAÇÃO

A Maleta Pedagógica é composta por: material textual (livro com textos do gênero conto contendo dezoito histórias, livro-caixinha contendo cem perguntas) e audiovisual (seis vídeos educativos) desenvolvidos para reflexão e orientação no ingresso ao Ensino Médio Integrado à Educação Profissional e Tecnológica.

O produto educacional contém materiais pedagógicos com histórias narrativas, cujo pano de fundo serão possibilidades de educação e mundo do trabalho para jovens e adultos. A escolha de inserir narrativas do gênero conto, como parte da proposta de ensino, se fundamenta na eficiência que histórias têm em despertar a reflexão nas pessoas. Sua forma sintética, cria um efeito no leitor, “o diálogo expressa o drama vivido pelos protagonistas” (BENVENUTI, 2003, p. 25), é intenso, breve, economiza nos meios narrativos e tem ausência de detalhes.

Os contos foram inspirados nas histórias compartilhadas nos relatos orais dos estudantes e respostas dos questionários durante a pesquisa “Construindo pontes entre Educação Profissional e Tecnológica e o mundo do trabalho para alunos concluintes do Ensino Fundamental”, com a licença poética e modificação dos nomes reais, elementos de uma narrativa literária e fictícia. O título da coletânea dos contos é *Educação e Trabalho: contos para refletir a trajetória escolar*. As histórias também são inspiradas em relatos de interrupções da trajetória escolar, ouvidas ao longo da minha caminhada docente e nos estudos da revisão da literatura, em uma linguagem para o público juvenil. O conto é uma escolha apropriada para mostrar o enfoque da pesquisa, nesse caso, o momento importante da transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio, mais especificamente, para o Ensino Médio Profissional:

Ao invés de representar o desenvolvimento ou o corte na vida das personagens, visando a abarcar a totalidade, o conto aparece como uma amostragem, como um flagrante ou instantâneo, pelo que vemos registrado literariamente um episódio singular e representativo (SOARES, 1993, p. 54).

Cabe destacar que essa pesquisa é participativa e, enquanto pesquisadora, estou inserida no contexto escolar, acompanhando as histórias de vidas desses estudantes que fizeram parte do trabalho. Embora seja importante ressaltar que as histórias ilustradas não serão os fatos reais e sim uma representação, uma inspiração. Para isso nos embasamos no que diz Gotlib sobre conto:

não se refere só ao acontecido. Não tem compromisso com o evento real. Nele, realidade e ficção não têm limites precisos. [...] A esta altura, não importa averiguar se há verdade ou falsidade: o que existe é já a ficção, a arte de inventar um modo de se representar algo (GOTLIB, 1990, p. 12).

O formato dos contos será em pequenos textos. Benvenuti diz que,

Devido à brevidade do conto, o começo e o epílogo acontecem muito próximos. Esse fenômeno impulsiona o contista em direção ao âmago da história, evitando se alongar demais, permitindo ao leitor apreendê-la de um só fôlego (2003, p. 34).

De fato, não se espera criar uma obra como os clássicos contos que existem na literatura brasileira. Não tenho essa pretensão. Porém, histórias são excelentes estratégias para provocar reflexões, isso desde a antiguidade. Ainda, segundo a autora:

A leitura da Literatura seguramente oferece uma experiência linguística ímpar, pois permite conexões com universos culturais familiares ao leitor ou mesmo distantes, acionando relações com experiências individuais gravadas não só no consciente do indivíduo, mas principalmente no seu inconsciente, permitindo a possibilidade de ampliação dos horizontes, sejam eles tanto pessoais, como culturais (BENVENUTI, 2003, p. 139).

As histórias curtas são um recurso possível para realizar durante o curto espaço de tempo das aulas e responde a uma sociedade atual cada vez com mais pressa e objetiva. Outro fator que justifica essa escolha tem relação com a própria formação dos leitores de EJA e Ensino Fundamental. Muitos alunos chegam ao final do Ensino Fundamental ou ingressam na EJA com uma leitura ainda iniciante. Romances extensos não corresponderiam à proposta desse trabalho.

De acordo com Kleiman (1999), ler é um processo interativo, uma vez

que o leitor, a partir da sua própria vivência, constrói o sentido do texto, permeado com o conhecimento linguístico e textual durante a leitura e sua visão de mundo. Essa leitura busca desenvolver também o gosto pela leitura, aproximando as temáticas das histórias à uma discussão sobre objetivo de vida, encontrando um sentido na leitura, como também propõe Kleiman (2012). Segundo Brémond (1972), as narrativas consistem em um discurso interligado a uma sequência de fatos de interesse humano e é isso que buscaremos ao elaborar os textos. Histórias que sejam de interesse desses jovens e adultos, falando sobre eles e para eles.

Portanto, as narrativas curtas são estruturadas por enredos simples, em curto espaço de tempo e poucos personagens. De acordo com Benvenuti (2003):

os critérios hoje utilizados para a constituição do bom texto, seja ele de que gênero for, podemos perceber que a Literatura, e em especial o conto, lida, de forma plena, com todos eles. Clareza, organicidade, coerência, coesão, qualidade estilística e, principalmente, criticidade e autonomia no tratamento de temas da realidade têm, no texto literário excelentes formas de tratamento da linguagem (2003, p. 140).

Abaurre (2007) explica que os leitores de contos são aqueles que buscam encontrar nas narrativas ficcionais um meio para refletir sobre a realidade ou pelo prazer em ler textos de ficção.

Se os contos têm por objetivo despertar a reflexão em torno do tema da transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio, percebendo no Ensino Médio Integrado à EPT uma alternativa para uma educação integral, o *Livro-Caixa de Perguntas* terá o papel importante de aprofundar essa reflexão, estimulando o pensamento e a formulação de respostas para uma possível transformação da realidade.

A ideia de criação do *Livro-Caixa de Perguntas* surgiu da minha experiência enquanto docente. Utilizo essa estratégia em sala de aula no meu fazer pedagógico. Existe no mercado diversas caixinhas com diferentes temas. Percebi que esse tipo de recurso atrai a atenção tanto de jovens, quanto de adultos. Paulo Freire, um dos autores que também fundamentam esse trabalho, ressalta o potencial que uma pergunta tem em provocar o pensamento. Uma ação, pressupõe uma reflexão. A importância do constante diálogo, o desenvolvimento da autonomia e a consciência de quem é o

opressor e oprimido. No diálogo entre Antonio Faundez e Paulo Freire, o primeiro diz:

No ensino esqueceram-se das perguntas, tanto o professor como o aluno esqueceram-nas, e no meu entender todo conhecimento começa pela pergunta. Começa pelo que você, Paulo, chama de curiosidade. Mas a curiosidade é uma pergunta! (FREIRE; FAUNDEZ, 1985, p. 24).

O Livro-caixinha de perguntas “Vou para o Ensino Médio e agora?” visa instigar a curiosidade por meio de questões sobre essa realidade da descontinuidade escolar, trazendo para o espaço da escola a pergunta, estratégia fundamental no processo educativo.

Após a sensibilização por meio das histórias, depois da discussão e diálogo provocados pela Caixinha de Perguntas, chega o momento de instrumentalizar os alunos com informações que possam auxiliar na ação transformadora: continuidade da trajetória escolar para o Ensino Médio e conhecer o Ensino Médio Integrado ao Ensino Profissional como alternativa para sua formação integral. Para isso, foram elaborados vídeos com orientações para que o aluno, de forma autônoma, possa buscar esses espaços formativos.

Os vídeos foram editados de forma atrativa com informações sobre formas de acesso aos IFs e outras escolas técnicas da região. A elaboração do material surgiu a partir das respostas dos questionários da referida pesquisa, da bibliografia sobre o tema e, principalmente, das informações obtidas pelos editais para ingresso e *sites* oficiais dos Institutos Federais e outras escolas técnicas da região.

O vídeo é necessário, pois temos a experiência cotidiana da prática docente de que muitas vezes faltam informações básicas que impedem, já na primeira etapa, alcançar um curso no Instituto Federal, como a pré-inscrição. Por exemplo, muitos dos nossos alunos não têm se quer o documento de identidade (RG – Registro Geral). Esse fato, que parece totalmente simples, impede que o processo de buscar esses espaços como alternativa formativa encerre em si mesmo. De nada adianta a sensibilização, a reflexão, a mobilização do aluno, se ele não tiver os meios para alcançar tal objetivo, no caso, os documentos necessários são um exemplo. Os vídeos tratam das questões instrumentais para acesso à busca pela vaga nos Institutos Federais

e outras escolas técnicas. Porque além do sonho, do desejo, da vontade, é imprescindível os meios necessários para atingir os objetivos. Mostrar esses caminhos é outra etapa da pesquisa.

A escolha de vídeo baseia-se em aproximar a proposta de ensino ao perfil dos nascidos na era digital e do imigrante digital. O vídeo é uma das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). A partir do uso desse recurso espero desencadear no estudante uma atividade reflexiva, uma atitude crítica, uma capacidade decisória e a conquista de autonomia por meio de informações que poderá obter, tendo acesso ao vídeo.

Ao considerar a escola como espaço legítimo e democrático de socialização de conhecimento, o trabalho pedagógico poderá ser facilitado pelo uso adequado das tecnologias de informação e comunicação, já que elas definem novas práticas sociais de relacionamento e de circulação, de produção cultural, de pensar, de fazer, de ensinar e aprender (ALTENFELDER, 2011, p. 13).

Paulo Freire é a base teórica desse produto, uma vez que para ele “Ensinar não é transferir conhecimento” (FREIRE, 1996, p. 21). Essa proposta pretende mostrar a capacidade docente em criar as possibilidades para a própria produção do conhecimento, ou sua construção, aqui materializado pelo vídeo. Os educandos, ao socializar com os outros e com o docente, são capazes de testar a experiência de assumir-se como um ser histórico e social que pensa, critica, opina, dialoga (FREIRE, 1996). Trata-se, como o próprio Paulo Freire defende, de um atributo humano de produzir e transmitir conhecimento com autonomia.

A obra de Altenfelder, que tem por base os ensinamentos de Freire, explica a importância da tecnologia como resposta aos desafios de aprender e ensinar na cultura digital, uma vez que:

Sem a tecnologia não se faz a transformação do homem para um mundo mais democrático e humano. Mas ela sozinha não fará isso. Ao contrário, pode mesmo impedir se não for guiada intencionalmente por um projeto político pedagógico que a isso se dedique (ALTENFELDER, 2011, p. 16).

Portanto, esse material tem o propósito de provocar o pensamento, aproximando a inteligência da informação, transformando-a em conhecimento.

Nessa perspectiva de mundo digital a ideia é apropriar-se dessas informações comunicadas pela mídia produzida em dispositivos e fazer conexões que resultarão em novos processos educativos e práticas sociais, no caso específico: a transição do Ensino Fundamental ao Médio Profissional. “Se as tecnologias estruturam e denominam o mundo digital, conseqüentemente redimensionam o currículo que fundamenta a prática do ensinar, ou seja, a prática do professor” (ALTENFELDER, 2011, p.16). O vídeo é uma ferramenta que o professor pode se valer para atingir seus objetivos.

Na verdade, a tecnologia é a humanidade adensada; sua construção é fruto de uma longa série histórica de eventos do mundo do trabalho. Sendo a tecnologia trabalho humano condensado, ela é posse de todos. A luta para reapropriar-se dela é um amplo espaço das políticas educacionais (ALMEIDA; FREIRE, 2009, p. 55).

O uso de vídeos em sala de aula é um ato de tomar para si aquilo que é próprio do homem, pois é fruto do seu trabalho, a tecnologia é uma ferramenta de ação transformadora e progressista, e sua presença nessa proposta é uma forma de voltar a tecnologia para progresso dos educandos.

O educador também precisa se permitir ser parte dessa reapropriação. Criando, construindo recursos educacionais que intermedeiem informação, reflexão, conhecimento, ação.

A comunidade escolar precisa refletir sobre que forma se pode reconhecer um currículo dinamicamente reconstruído no contexto das tecnologias, nesse mundo de cultura acentuadamente digital, e como ele se expressa em novas propostas pedagógicas que qualitativamente promovam o interesse e o envolvimento dos adolescentes e que aceleram os estudos (ALTENFELDER, 2011, p. 17).

O vídeo, portanto, é uma forma de potencializar pedagogicamente o cotidiano escolar daqueles que já fazem parte desse mundo digital e de tecnologias. “Segundo Paulo Freire, a tecnologia não é senão a expressão própria do processo criador em que os seres humanos se engajam no momento em que forjam o primeiro instrumento com que melhor conseguem transformar o mundo” (ALTENFELDER, 2011, p. 18).

Palfrey e Gasser ressaltam a importância de mobilizar os docentes no uso das tecnologias: “As escolas devem incentivar e recompensar a

experimentação por parte do corpo docente. Os diretores e reitores devem se esforçar para facilitar ao corpo docente experimentar novas tecnologias em apoio ao ensino” (PALFREY; GASSER, 2011, p. 278). O produto educacional inclui a criação e utilização do vídeo como parte integrante da proposta de ensino desta pesquisa. É o docente experimentando não só utilizar vídeos em suas aulas, mas também criar.

Em tempos de pandemia e pós-pandemia, a tecnologia obteve um papel fundamental para o acesso à informação. Durante o período de isolamento social, o meio para manter o vínculo e divulgar orientações por parte das redes de ensino foram através das redes digitais. Se antes a tecnologia já era importante, depois da COVID-19 tornou-se essencial.

Após a fundamentação da criação do vídeo, vale ressaltar o seu conteúdo. O vídeo irá conter, como inicialmente já foi descrito, informações para acesso às escolas de Ensino Médio integrado ao Ensino Profissional. Nele o aluno encontrará orientações como: documentação necessária, processos de pré-inscrição e matrícula, prazos, processos seletivos, sistema de cotas, links para acesso à informação, preparação para prova, as escolas disponíveis na região, os cursos disponíveis, entre outras informações.

As propostas de produtos educacionais aqui apresentadas visam contemplar o Documento de Área de Ensino, tal como referido no texto:

A Área de Ensino é, portanto, uma Área essencialmente de pesquisa translacional, que busca construir pontes entre conhecimentos acadêmicos gerados em educação e ensino, para sua aplicação em produtos e processos educativos na sociedade. Este conceito foi apropriado a partir do campo da Saúde, que também integra a Área com “Ensino em Saúde”, e reflete bem a atualidade da convergência das vertentes de estudos teóricos com os aplicados à interesses da sociedade, implicando o forte compromisso da Área com seus produtos transpostos à Educação em geral. A expectativa é de que com a ampliação da Área de Ensino seja possível impulsionar a evolução dos PPG com metas e desafios que expressem as necessidades nacionais (BRASIL, 2016, p. 3).

A elaboração e avaliação dos resultados desses produtos, inovam no Ensino, transformando a educação, *ampliando o conhecimento de mundo* dos estudantes (FREIRE, 2000, p.42).

Conforme o Documento de Área de Ensino/2016,

A articulação dos esforços de implantação dos MP nas Áreas de Ensino e de Educação que juntos ofertam mais de mil vagas anuais, e dos Mestrados Profissionais em Rede Nacional criados por indução da CAPES para aprimorar a qualificação dos professores em exercício nas redes públicas de ensino fundamental e médio, se constitui em amplo campo de estudo de egressos. É papel dos PPG da Área promover e participar desse debate e das avaliações e inovações que necessariamente estão por ocorrer, buscando sintonias para ação e melhorias no ensino do país (BRASIL, 2016, p. 17).

Portanto, o produto indicado – e seus itens constituintes - está em consonância com o que propõe o Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), uma vez que busca essa melhoria do ensino no país ao promover a conexão entre Ensino Fundamental e o Ensino Médio Integrado.

Fazer essa discussão é fundamental, uma vez que os índices apresentados mostram uma descontinuidade na trajetória escolar de muitos estudantes, principalmente na rede pública. Como nos diz Paulo Freire, a educação emancipadora é o único meio para libertar as camadas pobres da população. A educação é um ato político (FREIRE, 1991). Altenfelder (2010), cujos estudos fundamentam-se nas obras de Paulo Freire, defende o ensino e a aprendizagem no mundo digital:

Todo e qualquer processo educativo é definido a partir de sua intencionalidade, explicitada ou não, através da qual se constroem os sentidos e significados de cada aprendizado. Tanto a tecnologia como os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento só ganharão relevância se estiverem integrados a um projeto curricular, validado e reconhecido socialmente como objeto de estudo para a compreensão do mundo atual e para ampliar a capacidade de intervenção nesse mesmo mundo. Decisões curriculares coletivamente pactuadas e praticadas a favor dos valores éticos compatíveis com a convivência humana sustentável podem promover o fortalecimento das identidades, a minimização da exclusão social e o enfrentamento das desigualdades. Esse é o poder relativo da escola e da educação nas sociedades contemporâneas (ALTENFELDER, 2011, p. 18).

A *Maleta Pedagógica* promove o desenvolvimento sociocultural de seus educandos através de sua aplicação, considerando os projetos de vida, seus sonhos, expectativas, interesses e necessidades que habitam o seu dia a dia, numa perspectiva de orientar sua continuidade nos estudos. “A teoria sem a

prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade” (FREIRE, 1996, p.25). O produto educacional é a materialização de uma prática elaborada por meio da pesquisa da realidade e do estudo da teoria.

O educador poderá utilizar a *Maleta Pedagógica* de diferentes formas, de acordo com a realidade de seus estudantes. Poderá distribuir os contos entre eles, ou mesmo, propor uma leitura coletiva do mesmo conto e realizar um debate sobre ele. Para o livro-caixinha de perguntas, pode-se fazer círculos de cultura (FREIRE, 1991), rodas de conversa, onde cada aluno poderá escolher uma pergunta e debater em grupo, mediado pelo docente. Sugere-se que se assista os episódios da série “Vou para o Ensino Médio. E agora?” de forma paulatina, uma vez por semana, para dar o tempo necessário de assimilar, discutir as informações e apoiar o aluno na organização dessa transição. Portanto, o roteiro de aplicação deve ser organizado pelo professor junto com os seus alunos, para decidirem a melhor forma. A organização das atividades e seu conteúdo (principalmente no que se refere à orientação de processos seletivos, matrículas, instituições) poderão ser alterados, a fim de adequação à realidade dos diferentes contextos escolares. Como um roteiro de viagem, que poderá sofrer modificações de acordo com quem viaja e para onde vai com a *Maleta Pedagógica*. Espero que esse material possa ser útil no engajamento pela luta da continuidade da trajetória escolar dos estudantes de todo o Brasil, auxiliando na travessia dessa ponte.



Foto: Angela Maria Queiroz, 2020.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M.L. **Produção de texto: interlocução e gêneros**. São Paulo: Moderna, 2007.

ALMEIDA, F. J. Paulo Freire. **Coleção Folha Explica**. São Paulo: Publifolha, 2009. v.81.

ALTENFELDER, A. H. et al. **Ensinar e Aprender no mundo digital: Fundamentos para a prática pedagógica na cultura digital**. Cenpec – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária: São Paulo, 2011.

BENVENUTI, Juçara. **O efeito estético da literatura e a produção textual**. Dissertação (Mestrado em Letras) – PUC. Porto Alegre, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Diretoria de Avaliação. **Documento de Área: Ensino**. Brasília, DF, 2016.

BRÉMOND, C. **A lógica dos possíveis narrativos**. In: Vários. *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis: Vozes, 1972. p. 109-35.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **A educação é um ato político**. Cadernos de Ciência, Brasília, n. 24, p.21-22, jul./ago./set. 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

GOTLIB, N.B. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1990.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas, SP: Pontes, 2012.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**. Tradução: Magda França Lopes. Porto Alegre: Grupo A, 2011.

SOARES, A. **Gêneros literários**. São Paulo: Ática, 1993.

Educação e Trabalho

contos para refletir a trajetória escolar



Angela Maria Queiroz

Andréia Modrzejewski Zucolotto

Autoras

Prof.^a Angela Maria Queiroz

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4768813899733387>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1827-075X>

E-mail: angeladeletras@gmail.com

Prof. Dr^a. Andréia Modrzejewski Zucolotto

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7037993972765394>

Orcid:

E-mail: andreia.zucolotto@poa.ifrs.edu.br

Ilustração da capa

Júlia Queiroz Paludo



Descrição Técnica do Produto

Nível de Ensino a que se destina o produto:

Ensino Fundamental/ Educação Básica

Área do Conhecimento: Ensino

Público Alvo: Estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental

Categoria deste produto: material textual

Finalidade:

Estratégias para orientar estudantes, concluintes do Ensino Fundamental, para a continuidade da trajetória escolar no Ensino Médio, na perspectiva da Educação Profissional e Tecnológica, inclusive na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA).

Organização do Produto:

Este livro integra a proposta de ensino denominada Maleta Pedagógica. A Maleta Pedagógica é composta por: material textual (livro com textos do gênero conto contendo dezoito histórias, livro-caixinha contendo cem perguntas) e audiovisual (seis vídeos educativos) desenvolvidos para reflexão e orientação no ingresso ao Ensino Médio Integrado à Educação Profissional e Tecnológica.

Registro do Produto:

Disponibilidade:

Irrestrita, mantendo-se o respeito a autoria do produto, não sendo permitido uso comercial por terceiros.

Divulgação:

Por meio digital.

Idioma: Português

Cidade: Porto Alegre | **País:** Brasil

Ano: 2020

Origem do Produto:

Desenvolvido no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Rio Grande do Sul - Campus Porto Alegre – ProfEPT – IFRS-POA.

Sumário

APRESENTAÇÃO	1
1. A juventude de uma Maria	3
2. E aí, Silva! Como vai a vida?	6
3. Conversa fiada ou afiada?	10
4. Oportunidade.....	12
5. Por que é tão difícil ser EJA? - Parte I	16
6. Por que é tão difícil ser EJA? - Parte II	19
7. Por que parar?.....	24
8. Tudo de novo	27
9. Transformando histórias de vidas	29
10. (In) Satisfação - Rodada I	33
11. (In) Satisfação - Rodada II	38
12. A tua influência.....	41
13. Até quando?.....	46
14. Cápsula do tempo – EJA ontem.....	51
15. Cápsula do tempo – EJA hoje	54
16. Cápsula do tempo – EJA amanhã.....	58
17. Você escolhe sua vida?	59
18. Volta.....	63

APRESENTAÇÃO

Este material é fruto da pesquisa do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT. O percurso da investigação contribuiu para a construção da *Maleta Pedagógica*, contendo o livro de contos, o livro-caixinha de perguntas e vídeos educativos. Sugere-se o trabalho com esses materiais de forma conjunta e mediada por educadores.

Educação e Trabalho: contos para refletir a trajetória escolar é uma obra devolvida a partir da pesquisa *Construindo pontes entre educação profissional e tecnológica e o mundo do trabalho para alunos concluintes do Ensino Fundamental*. Os textos fomentam a discussão sobre educação e trabalho. Levar essas discussões aos estudantes é uma forma de alertar sobre o histórico da dualidade educacional, que perdura em nosso país até hoje, buscando sair da alienação em que se encontra e abrir possibilidades para a transformação dessa realidade, em uma proposta que aborde a educação e o mundo do trabalho, repensando as “escolhas impostas” por um sistema capitalista e neoliberal. Abordar esse tema com os estudantes que estão em fase de transição do Ensino Fundamental (EF) para o Ensino Médio (EM) é de extrema importância, uma vez que se espera abrir possibilidades aos estudantes para a continuidade dos seus estudos e para a oportunidade de concluir a Educação Básica, inclusive na modalidade EJA da Educação Profissional e Tecnológica (PROEJA).

O processo de criação dos contos foram escolhas pautadas para ter um conteúdo bem fundamentado, acessível e ao mesmo tempo com uma linguagem interessante e atrativa. Os contos são excelentes estratégias para provocar reflexões, isso desde a antiguidade. As histórias curtas são um recurso possível para realizar durante o curto espaço de tempo das aulas e responde a uma sociedade atual cada vez com mais pressa e objetiva.

As narrativas transformam-se em um espelho ficcional da realidade. Ver-se nestas histórias é como se dar conta da dualidade estrutural existente. É a oportunidade para observá-la frente a frente. Por meio da leitura de histórias, somos capazes de repensar nossa própria vida. Essa foi a ideia que norteou a produção desse material. Além disso, frequentemente expressões como: PROEJA, Ensino Médio integrado à Educação Profissional e Tecnológica (EPT), continuidade dos estudos, Institutos Federais passam a fazer parte do vocabulário dos estudantes que realizam a leitura dos textos. Uma forma de aproximar os estudantes desse contexto, reconhecendo-o como uma política pública a ser valorizada e lutar pela sua continuidade. Muitas vezes, esse debate somente acontece no final do ano, já com o processo de seleção ou sorteio próximo, sem tempo para compreender o real significado dessa oferta.

Usar o recurso dos contos e fazê-los ter acesso acerca das discussões sobre

educação e trabalho foi uma ousada forma de aproximar o resultado da pesquisa científica junto aos estudantes do EF. Benvenuti explica o quanto a arte pode ser uma ferramenta importante na transformação social: “Colocando-se no ponto oposto à Arte pela arte, alguns autores consideram a literatura como um instrumento político e, como tal, valorizam as obras que contribuem para a transformação do meio social onde se inserem” (BENVENUTI, 2003, p. 19). Os contos representam esse movimento. Conhecer para mobilizar a mudança. Mesmo não havendo a garantia desta transformação, é papel da escola fornecer meios para que ela possa acontecer.

Cada texto produzido pretende abordar alguma temática diferente relacionada ao processo de transição e à continuidade dos estudos pelos estudantes. Estes textos pretendem problematizar o seu próprio contexto de trajetória escolar, ao mesmo tempo em que instiga meios para continuar.

Por fim, espera-se que assim como os contos, a Maleta Pedagógica em sua totalidade possa ser uma proposta de ensino adequada aos anos finais do EF de 9 anos e para as etapas finais do EF da EJA, em outros contextos educativos que possam adotá-la. Com ela, almeja-se mobilizar uma ação transformadora da realidade desses estudantes para que não interrompam sua trajetória escolar. A Maleta Pedagógica tem uma representação simbólica importante para acompanhar o educando na travessia dessa ponte entre EF e EM. Que ela possa ser um recurso em prol da libertação, da descoberta e da autonomia desses jovens e adultos.

Sua aplicação é de uso livre nos espaços escolares, e pode ser adotado em diferentes contextos de sala de aula, no entanto, enfatiza-se a importância de que sua leitura seja acompanhada do debate em sala de aula. O livro é constituído pelos contos apresentados a seguir.

1. A juventude de uma Maria

Sentei-me no sofá de casa com Bruna, minha filha, para ver antigos álbuns de fotografias que há tempos nem mexia. Trabalhar em escola pública sessenta horas acaba por impedir, muitas vezes, esses momentos de lembranças e reflexão da vida cotidiana. Entre as fotos que encontro, vejo uma da formatura do Magistério. Aquela fotografia me inspira a contar minha história de vida a ela.

Começo contando sobre a casa onde moramos, atrás da casa de minha mãe. Foi nessa casa que passei parte da minha vida jovem, em uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Sou uma trabalhadora. Não consegui ainda comprar a minha casa própria. Assalariada, tudo que tenho é o meu salário e o básico para viver. Algumas pessoas acham que isso é ascensão social. Mas alimento, saúde, educação, moradia (mesmo que ainda não tenha conquistado a minha) isso tudo deveria ser o básico de todo cidadão. São direitos que todos deveriam ter, segundo a Constituição, mas na prática, isso não acontece. Minha filha concordou.

Segui contando as dificuldades em estudar para as pessoas mais simples. Sou neta e filha de operários. O nosso caminho para a escola (ancestrais e descendentes) não é o mesmo do patrão. Sobre a minha trajetória escolar, lembro-me quando ingressei na escola pública. Tudo era muito precário. Até o mais elementar (banheiro, água, etc.) era sujo, quebrado ou não tinha.

Todo o meu percurso escolar foi em escolas públicas. Estudei em diversas escolas, porque quando o meu pai arrumava um emprego, era muito longe, e precisávamos mudar de endereço. Algumas escolas possuíam estruturas um pouco melhores, outras piores. Encontrei bons professores, entre eles, alguns sofridos, raivosos, divertidos, engraçados, inteligentes ou desanimados. Faz tempo que sucateiam a educação pública. No entanto, eu a defendo. Se não fosse por ela, eu não teria acesso a nenhuma educação e minha realidade poderia ser bem mais difícil. Agora, profissionalmente, continuo atuando nelas. Essa é uma forma de retribuir o acesso à educação que tive e fazer aquela diferença tão sonhada no mundo, mesmo que poucos percebam ou reconheçam.

Fui estudar o Ensino Médio, na época, chamava-se segundo grau, para fazer o

Magistério (agora o curso denomina-se “Normal”). Ali desenvolvi minha inserção social juvenil. Tudo era novo para mim: escola nova, amigos novos. Não foi minha primeira escolha profissional ser professora, embora gostasse da ideia. Na verdade, eu queria fazer o curso de Química. Mas esse curso só havia na Fundação Liberato, na cidade de Novo Hamburgo. Era muito longe da minha casa, umas duas horas de ônibus (na época não tinha o trem para lá). Teria dias que precisaria estudar o dia inteiro. Minha mãe não concordou em eu estudar fora da cidade. Minha segunda opção era fazer o curso técnico em Plásticos, o que naquele tempo denominava-se Escola Técnica, depois CEFET e hoje é o Instituto Federal (IFSul). Não passei no teste de seleção, era péssima em matemática. Atualmente há muitos cursinhos preparatórios, inclusive dos próprios institutos. Eu não tive a oportunidade de ter aulas particulares ou cursinhos, porque mesmo que existisse, minha família não poderia pagar.

Surgiu a chance de cursar o Magistério, mas confesso que tive sorte. Quando minha mãe buscou a vaga, o governo da época implantou o calendário rotativo e ninguém poderia ficar sem direito à matrícula. Assim, consegui fazer o magistério. Atualmente, há sorteio e muitas pessoas não conseguem ingressar no curso desejado. Se fosse hoje, eu poderia ter ficado de fora e ido estudar em uma escola de ensino médio sem nenhum curso profissional. Ter um curso profissional é importante para pessoas que, como eu, demandam urgência para trabalhar e ajudar a família. Recordo-me que se eu não tivesse tido essa chance, provavelmente teria feito o antigo PPT (Preparação para o Trabalho) que não preparava para nada, na verdade. Durante o curso os professores reclamavam bastante daquele calendário rotativo, mas apesar de não ser a melhor alternativa, garantiu para muitos jovens o direito à educação. Na época, eu gostei, pois me possibilitou o acesso ao curso.

Atualmente, muitos alunos desejam fazer o magistério. Porém, tem mais interessados do que vagas e a maioria fica de fora. A oportunidade não é para todos. Entende? Não é uma questão de esforço. Simplesmente não tem vaga. A conta não fecha e ainda há muito para se fazer.

Hoje, já adulta, olho para a minha filha, que inicia sua juventude. Passando por situações em sua trajetória escolar semelhantes às quais passei, mas com desfechos diferentes. Digo a ela:

— Esta é minha história. A juventude de uma Maria, como muitas Marias por esse mundo afora. Muito do que posso te ensinar hoje, vem desta história de vida, quero passá-la para você, para os meus alunos. E você? Está feliz com a história que está construindo?

— Estou sim. — disse ela. — Você vê, mãe, eu não fui sorteada no magistério, mas passei nos testes para o Instituto Federal. Mas entendo que isso não é só uma questão de esforço. As oportunidades não são iguais para todos e eu vou valorizar muito essa vaga. Nós, da classe trabalhadora, não podemos perder chances, pois sabemos o quanto é difícil ter outra. Obrigada pelas orientações. Elas estão me ajudando muito. Obrigada, mãe.

— De nada, filha. Mas agora vamos organizar os documentos, porque essa semana é dia de matrícula e não pode faltar nada. Como você disse, não podemos perder essa oportunidade! Muito menos por descuido na organização dos documentos, não é mesmo?

2. E aí, Silva! Como vai a vida?

Pedro Alcântara e João da Silva são velhos amigos de infância. Geração do início do século XX. Lembro que nesse período a Educação Profissional buscava atender necessidades emergentes do empreendedorismo, com caráter elitista e de reprodução das desigualdades sociais.

Pedro faz parte de uma família da alta sociedade brasileira.

João da Silva é filho de operários.

Ambos foram para escola. Pedro fez o ensino propedêutico (era um tipo de ensino mais completo, o qual preparava para a faculdade, com disciplinas de Arte, Ciências, Literatura, entre outras, pois o projeto de vida dele era formar-se advogado. O destino de João da Silva era fazer um curso profissionalizante, pois ele precisava logo começar a trabalhar. Naquela época o ensino profissionalizante era o fim da linha. Dificilmente a pessoa teria acesso ao ensino superior.

Para entender esse processo vou voltar um pouquinho e contar o percurso da educação ao qual a família Silva teve acesso.

Em 1809, surgiu a Educação Profissional no Brasil. Naquela época a educação tinha origem assistencialista, coerente com uma sociedade escravocrata, dependente da coroa Portuguesa. O avô de João era um trabalhador do campo. Desde criança trabalhava na lavoura. Ficou órfão e foi para o *Asilo da Infância dos Meninos Desvalidos*. Lá foi encaminhado para a educação profissionalizante. Recebeu instrução para ser artífice. Essa profissão nem existe mais. Quando o pai de João cresceu e formou a sua família, também foi educado para ser um operário e era essa educação que buscava para o seu filho. Afinal, assim que aprendeu com os donos dos meios de produção e era isso que a educação da época oportunizava.

Lembro bem que, quando crianças, Pedro e João tinham algo em comum: queriam ser advogados. Pedro porque queria ser igual ao pai. João porque viu certa vez um advogado e chamou muito a sua atenção o porte daquele homem. Saía correndo, falando para todos: “Serei como aquele senhor”. Mas as oportunidades não foram as mesmas para os dois.

Para a família de Pedro Alcântara, desde a época de seu avô, dono de grandes extensões de terra, liderança política, o processo de educação institucionalizado era muito natural. Antigamente, para fazer faculdade, somente em Portugal. Mais tarde, surgiu a faculdade de Direito no Rio de Janeiro. Pelos idos de 1930, a família de Pedro tinha dinheiro para pagar seus estudos. Ele não tinha preocupações se iria poder estudar ou não.

Naquela época, a educação escolar se dividia em curso primário (de quatro anos) e curso ginásial. O curso ginásial dividia-se em curso rural, técnico comercial e normal, cuja terminalidade não permitia dar continuidade para o ensino superior; e o curso de maior duração (de 5 a 6 anos) no qual formava também em ensino superior, mediante estudos livres e exames. O que você acha que aconteceu com os nossos amigos?

João da Silva virou operário, pois fora empurrado pela sociedade a trabalhar desde muito jovem e, assim, só conseguiu estudar o mínimo.

Pedro Alcântara tornou-se advogado, pois teve acesso a uma educação de qualidade e ser aprovado nas avaliações para o ensino superior.

Há muitos outros como Pedro e João por aí. Essa história se repete. A única mudança que podemos perceber é a família Alcântara, cada vez mais rica e poderosa. Por outro lado, a família Silva segue trabalhando duro, afinal, precisa ajudar a construir o país e a enriquecer a família Alcântara.

Estamos já na geração dos netos. A filha de Pedro foi para a escola particular, seu projeto de vida: Medicina.

A filha de João da Silva, nas suas brincadeiras de criança, denominava-se Dra. Maria da Silva.

Mas para essas famílias tudo segue seu curso natural: Dra. Alcântara e Maria. Maria fez o Segundo Grau, PPT, que significava *Preparação para o Trabalho*, nos anos de 1970 (atualmente denomina-se Ensino Médio). Logo, como o próprio nome do curso diz, ingressou no mercado de trabalho e não conseguiu realizar o sonho de fazer o Ensino Superior. Trabalhava muito, ganhava pouco, vieram os filhos. Não ganhou o pronome de tratamento DOUTORA. Mais um sonho de infância que fica apenas nas lembranças de criança.

João e Pedro também tinham os seus sonhos, mas só um pode realizá-los. Não por escolha, mas por falta de oportunidade.

Se contarmos desde a geração do avô de João da Silva, passando pelo seu pai, filha... Somente na quinta geração fiquei sabendo do primeiro Silva entrando na Universidade. Todas as outras foram educadas para ser mão de obra barata do mercado, do capital. Não há nada de errado em ser um operário. Mas a família Silva tinha outros sonhos, outros desejos. As profissões modificam-se rapidamente. Se não tiver uma educação ampla, as pessoas não conseguem acompanhar as mudanças e ficam fora do mundo do trabalho. Vem o desemprego, condições precárias de trabalho e baixa remuneração.

Mas dessa vez, o ciclo se rompe. As netas das duas famílias sonharam e ambas puderam realizar seu sonho, ainda que uma com mais obstáculos.

O ano é 2009. Algo mudou na vida das famílias Alcântara e Silva. As netas de Pedro e João se encontram na faculdade de Medicina. Claro, seus percursos foram diferentes. A neta de Pedro Alcântara estudou em escola particular, fala inglês fluentemente, teve contato com as melhores tecnologias e condições para comprar o material necessário do curso. Seu pai além de advogado, tornou-se um grande empresário.

A neta de João é a primeira da família a entrar na faculdade, por meio de políticas públicas e sistema de cotas. Ela também teve uma base sólida na educação profissional, no curso de Química do Instituto Federal, no qual recebeu uma formação integral, com disciplinas gerais e específicas, possibilitando ingressar no Ensino Superior. Em 2015, formou-se em Medicina e ingressou no *Programa Mais Médicos*. Seu objetivo é ajudar as pessoas que dependem do SUS.

Hoje, em pleno século XXI, soube que está acontecendo uma nova reforma na Educação Básica, modificando a realidade do Ensino Médio. Jovens, cujas origens são do proletariado, talvez não tenham essa mesma oportunidade que a neta de João da Silva alcançou. A sombra da dualidade (educação para ricos diferente da educação para pobres), a qual com muito esforço vinha sendo combatida, ressurgiu com toda força. Disciplinas que estão sendo tiradas do currículo da educação pública, não serão retiradas na educação privada.

Já não temos certeza sobre quais serão as oportunidades na educação para os filhos da família Silva em 2020, 2030, 2040. Mas eles seguem sonhando... e lutando para realizar os seus sonhos.

3. Conversa fiada ou afiada?

- Que papo brabo esse! Que chatice!
- Por que você diz isso?
- Todo mundo sabe que precisa continuar estudando.
- Você está enganado. Não é tão natural assim. Se fosse verdade, nossa cidade não estaria com quase metade da população em idade de ter o Ensino Médio concluído, sem muitas vezes ter sequer o ensino fundamental.
- Ah, é?
- Sim. Você não pode tirar conclusões baseado somente na sua história de vida. Precisa conhecer as outras histórias dos colegas e das famílias.
- Humm.
- Você conhece a história da educação da sua família, do Brasil, da nossa cidade?
- Claro que sei.
- Sabe? Então me diz, conta para mim qual o estudo dos teus familiares, como eles escolheram a profissão deles... Se é que escolheram, ou foram as condições de vida que os levaram a ter a profissão que têm. Muitas vezes a gente não escolhe. É empurrado.
- Ih, pensando bem. Eu não sei dizer. Vou ter que perguntar a eles.
- E o Brasil? Você conhece como surgiu a primeira escola no nosso país? Faculdade? Quem tinha acesso à educação e quem não tinha? Como era a escola do pobre e a escola do rico? Porque se fosse tudo igual, aqui na nossa turma estava cheio de filho de rico. Tem? Não tem, né? Por que eles não estão na mesma escola que nós?
- Ai, ai. Não sei.
- Então, meu amigo, para começo de conversa, está na hora de você estudar essa parte da história. A história da escolarização no Brasil. Aí, você vai entender muita coisa e porque na escola a gente precisa falar sobre isso, sobre projeto de vida, sobre continuar estudando depois do ensino fundamental e quais as possibilidades que existem para nós e como acessá-las. Isso não é claro para todo mundo, não. Então,

“bora” prestar atenção no que a professora está dizendo e saber como se faz. Porque tem pouca gente para incentivar, meu amigo. Pouca gente.

4. Oportunidade

— Oi Mara! Tudo bem? — perguntei para minha amiga que estava com o olhar distraído em sua classe na sala de aula.

— Tudo. – respondeu com o olhar pensativo.

Mas eu sabia que não estava.

Mara tem uma história que se parece com a de milhares de brasileiros. A mãe dela estudou apenas três anos, ganha um salário mínimo por mês. Os irmãos não têm emprego fixo, trabalham quando conseguem algum serviço na construção. Eles não ajudam em casa por causa do vício em drogas ilícitas, vivem brigando. Ela só tem paz quando sai para a escola onde estuda no ensino fundamental noturno, na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Não conheceu o pai. A ausência paterna é uma realidade de muitas famílias brasileiras. Grande parte delas passaram a ser de responsabilidade da mulher. Muitos pais se omitem de suas obrigações, sobrecarregando mães e avós.

Mas a história de Mara chama a atenção pela diferença que há entre ela e seus irmãos na condução de seus caminhos. Isso porque Mara foi criada pela sua mãe, sem a participação do seu pai. Ele tem outra família. Recentemente Mara foi em busca de saber mais sobre seu pai e onde estariam seus outros irmãos. Sua mãe falou que ele é de uma família de fazendeiros e os demais filhos deste “pai” são todos “bem de vida”, com educação superior. Mara então continuou:

— É difícil entender por que o meu pai abandonou a mim e meus irmãos, filhos dele? Mas, os outros filhos que ele tem com a outra mulher, dá estudo, dá tudo do bom e do melhor. Não basta o sofrimento do abandono paterno? Existe ainda a injustiça social para mexer ainda mais na nossa dor.

Entendo a minha amiga Mara. Não é tão difícil compreender sua inquietação se acreditarmos que há preconceito e discriminação na pobreza. Mara e seus irmãos semianalfabetos, assim como a sua mãe, não foram simplesmente vítimas das circunstâncias. São vítimas do sistema. Um sistema que dá oportunidades para quem tem posses, dinheiro, capital. Fico olhando para ela e pensando no que aconteceu com esta jovem, agora adulta. Devemos ter em mente o que fez com que ela parasse de estudar. As pessoas nos fazem acreditar que é opção. Julgam. Mas é difícil se inserir numa cultura escolar quando a própria família não sabe muito bem como construir isso,

quando desde de muito cedo é preciso sustentar a si e à família, quando há brigas constantes em casa, quando não se tem um adulto com segurança emocional e material para orientar. Muitas vezes, o único adulto precisa sair para trabalhar, são crianças cuidando de crianças, com influências muitas vezes negativas no entorno: violência, vícios e outras mazelas da sociedade. Será que são escolhas? Será que depende única e exclusivamente de esforço pessoal?

Algumas pessoas apresentam frases feitas, tais como: “Basta ter vontade, querer e ter fé que podemos fazer qualquer coisa! É preciso perseverar para alcançar o que se quer. Podemos realizar tudo o que pensamos fazer, mas para isto temos que querer e fazer acontecer”.

São tantos os pensamentos positivos, mas será que faltou só vontade de querer fazer? Basta pensar positivo e “plin” a coisa acontece.

Creio que não, penso que, o que faltou para minha colega Mara e todos como ela, que param de estudar, foi alguém que conhecesse os seus problemas e lhe fornecesse os esclarecimentos necessários para procurar ajuda para sua mãe e seus irmãos. Faltou principalmente uma sociedade que fosse de oportunidades para todos, na qual se respeitassem as fases de vida. Espaço para brincar, estudar, convivência social e familiar em harmonia. Não estamos em guerra (como as clássicas entre países), mas não estamos em paz. Não se está seguro sobre sair e voltar para casa, sobre o que comer no outro dia, ou se haverá emprego no fim do mês (isso para aqueles que têm emprego). Não se sabe se quando chegar em casa poderei rever meu tema ou uma nova briga irá começar por falta de dinheiro, por falta de moradia digna, por falta de saúde. É tudo tão incerto para todos nós.

No meu devaneio de pensamentos não me dei conta que agora Mara chorava.

— Pode se abrir, Mara. O que está acontecendo minha amiga?

— Você sabe tudo que estou passando. Por quê? Por que existem tantas diferenças? Se meu pai não quis ficar com a gente, nem cuidar de nós, porque temos que pagar por isso como se o erro fosse nosso? Por que não tenho as mesmas oportunidades de estudo e de vida como os meus irmãos que vivem com ele? Por que o estudo não é de qualidade para todos, independente das condições financeiras? Não deveria aquele que tem menos, ter melhores oportunidades, justamente porque parte

do zero, do que aqueles que já têm muito?

Não soube o que responder à Mara. A professora entrou na sala, Mara enxugou as lágrimas. Nossa professora sempre tinha boas orientações para nos passar e sempre vinha com muitas ideias no início da aula. Quem sabe hoje ela estivesse inspirada com uma luz para nós.

— Boa noite, pessoal! A palavra de hoje é OPORTUNIDADE! — disse a professora empolgada. — Abriam as inscrições para os Institutos Federais para cursos no PROEJA.

— Professora, o que é PROEJA? – perguntei.

— O PROEJA é um Programa de Integração Profissional Técnica de Nível Médio na Modalidade de Jovens e Adultos. O curso é ofertado pela Rede Federal de Educação Tecnológica, ou seja, os *IFs*. Trata-se de uma política pública que integra a educação profissional ao ensino médio, na modalidade de jovens e adultos, visando à formação humana, muito além do mercado de trabalho. É formação para vida!

— O que adianta estudar se não tem emprego, sora! – um colega resmungou.

— De fato, os tempos são incertos. Mas ter acesso a uma educação de qualidade ainda é o melhor caminho para enfrentar a adversidade a qual estamos vivendo. É uma oportunidade para desenvolver seu potencial.

Olhei para Mara, com um olhar confiante e disse-lhe: - Vamos tentar, amiga?

— Não sei não. Estou cansada! — disse Mara.

— Vamos! Pode estar aí nossa oportunidade de aprender uma forma diferente de viver, ampliar o nosso mundo! — respondi a minha colega.

A professora percebendo o meu interesse e vendo que Mara precisava de um incentivo disse-nos:

— Meninas, estudem! Busquem essa oportunidade para ampliar o conhecimento de vocês. Vocês vão aprender muita coisa para o trabalho e para a vida. Será um espaço para socializar e construir o caráter e a personalidade de todos que vivem aquele ambiente. Lá, como nós fazemos aqui também em nossos debates, vocês poderão problematizar as condições sociais, históricas, econômicas e políticas e para aplicar os saberes escolares. Não percam essa chance. Estudem para entenderem essa realidade em que vivem e transformá-la.

— Falou bonito, sora! – respondeu outro colega de classe.

— Então, quem vai encarar essa? Estou com as orientações aqui sobre como se faz a inscrição! – a professora estava animada com seu discurso.

Foi bom conversar com a minha colega da EJA, Mara. Sua história de vida é de muita luta, como de tantas mulheres brasileiras. Ela me olhou firmemente e voltou o olhar para a professora e disse: Nós vamos agarrar essa oportunidade!

5. Por que é tão difícil ser EJA? - Parte I

Dois colegas estão em uma discussão sobre o tema de um trabalho final da escola. Eles são formandos do Ensino Fundamental. Fabrício escolheu falar sobre a EJA e explica para Tiago o que descobriu até agora a respeito do assunto, mas Tiago não percebe a importância desse tema.

— Tiago, o que você está falando não faz sentido! A Educação de Jovens e Adultos é uma conquista importante. Se você estudasse a história da EJA não ia sair por aí falando bobagens. Lutaria por essa educação que é um direito das pessoas que não tiveram acesso à educação por diferentes motivos. Não nos cabe julgar.

— Você sempre com esse discurso defensor dos fracos e oprimidos.

— Você fala como se os fracos e oprimidos fossem os outros. É a gente, meu! Para e pensa.

— Ah, Fabrício. Eu tenho muitos problemas para pensar da minha vida.

— Pois, deveria. A falta de acesso a uma educação de qualidade talvez seja a razão de muitos dos seus problemas sobre os quais você precisa se preocupar. — ponderou Fabrício.

— Sei muito bem no que eu tenho que me preocupar: em pagar as contas.

— Você precisa refletir a respeito do passado histórico da Educação de Adultos (EDA) e da Educação de Jovens e Adultos (EJA), considerando a necessidade de compreender o seu presente, avaliando a falta de políticas educacionais voltadas para esta área, onde no Brasil, ainda hoje, não superou o analfabetismo das pessoas acima de 15 anos. Li isso nos textos que o professor me passou para fazer a pesquisa. Você não pensa nisso?

— Bem capaz!

— Estive fazendo uma pesquisa sobre a EJA para o trabalho de história. O professor solicitou para fazermos um trabalho sobre um fato histórico importante para a nossa vida e escolhi a EJA.

— Por que escolheu esse tema? Assunto “mais nada a ver”. — Indagou Tiago.

— Porque a EJA vem transformando a minha vida. Ela é um fato importante para mim.

— E o que descobriu?

— Imagina uma linha do tempo e acompanha comigo cada época.

Fabício continuou...

— Entre 1938 a 1940 o que existia era um tipo de educação supletiva, educação de adultos.

— Sei...

— Presta atenção... O primeiro trabalho sobre educação de adultos no Brasil é a educação popular ofertada às camadas de baixa renda. Mas havia um problema. Os cursos para adultos eram noturnos e de curta duração (educação supletiva). Além disso, esses cursos recebiam poucos recursos financeiros. Os responsáveis por essas ações não tinham quase esclarecimento sobre a temática do ensino de adultos, caso que ocorre até hoje.

— Leu isso também nos textos? — retrucou Tiago.

— Li, sim. — respondeu Fabrício. — Segundo os autores Fávero e Freitas¹, a Revolução Industrial gerou duas exigências: (1) as necessidades das classes dirigentes, e (2) as necessidades das classes populares.

— Ah, tá! Vai falar dessa disputa do pobre e do rico?

— Escuta... Depois você dá sua opinião. Entre 1945 até 1962, uma das funções da educação para adultos era supletiva, para combate ao analfabetismo; outra era profissional e cívico-social para migrantes e imigrantes. Nesse período temos a institucionalização da educação de adultos e dos jovens. A criação do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) e SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) para a formação profissional com apoio da indústria e comércio.

— Ah, eu lembro que minha mãe queria muito que eu fizesse SENAI para ser torneiro mecânico.

— Pois é, porém, essa educação é focada na produção de mão de obra. Por exemplo, se você não tiver uma formação ampla e a profissão de torneiro mecânico deixar de existir (e há essa tendência), como vai ser? Já a educação integral amplia as oportunidades.

¹ Referência à obra de Osmar Fávero e Marinaide Freitas. FÁVERO, Osmar. FREITAS, Marinaide. A educação de adultos e jovens e adultos: um olhar sobre o passado e o presente. Inter-Ação, Goiânia, v. 36, n. 2, p. 365-392, jul./dez. 2011.

— O que quer dizer educação integral? — perguntou Tiago.

— Ora! Lembra uma música dos Titãs que a gente gostava de ouvir? “A gente não quer só comida/ A gente quer comida / Diversão e arte / A gente não quer só comida/ A gente quer saída/ Para qualquer parte...”²”

— Sim.

— Educação integral tem a ver com isso. Em uma educação que prepara sim para o trabalho, mas não só para o trabalho. Educa para a sensibilidade artística, social, para a vida. Você não aprende só a apertar botão. Você tem acesso ao conhecimento que a humanidade já desenvolveu. É saber que você é uma pessoa e não apenas uma mão que executa. É o reconhecimento que somos um ser que pensa, sente, aprende, ensina, evolui e vive em sociedade.

— Bem poético, mas pouco real.

— Pode ser real sim. Mas a gente precisa saber o que quer, caso contrário, os outros irão decidir por nós.

— Eu não preciso de nada disso.

— Todo mundo precisa. Mas fazem a gente acreditar que não precisa. Você acha que a educação é igual para todos? Observa os filhos do patrão...

— Ah a filha do patrão faz balé, música, inglês, teatro, pintura... Ele às vezes mostra as fotos dela se apresentando por aí...

— Então, percebe? Convencem a gente a querer estudar o mínimo, mas eles oferecem o máximo para os seus. É justo todos terem direitos aos bens culturais, lazer, trabalho e tudo mais.

— Estou entendendo. Realmente: achei que ler e fazer conta já era muito. Bom mesmo é saber trabalhar. Trabalhar bastante.

— Meu amigo, amanhã vou te mostrar mais do que descobri e você vai entender mais ainda como a EJA é importante para nós.

— Você é esperto. Assim vai treinando a apresentação do seu trabalho.

— Hahahaha! Verdade. Até amanhã.

— Até meu amigo!

² ANTUNES, Arnaldo; FROMER, Marcelo; BRITO, Sergio. Comida. Intérprete: Titãs. In: Titãs. Jesus não tem dentes no país dos banguelas. Rio de Janeiro: WEA. 1 disco sonoro (LP). Lado A, faixa 2. 1987.

6. Por que é tão difícil ser EJA? - Parte II

— E aí, Fabrício! Bora “continuar aquela conversa que não terminamos ontem”...

— “Ficou para hoje” ... Ah! Eu lembro dessa música, Tiago.

— Grande Nando Reis, *All Star*³.

— Boa parte da garotada de hoje em dia não conhece. Mas é muito boa!

— Verdade...

— Olha só, continuando... Na pesquisa que fiz, descobri que por volta de 1960, havia os movimentos de cultura e educação popular.

— O que é isso?

— Foram movimentos que debatiam sobre cultura e educação popular. Aquela época foi marcada pelas eleições majoritárias em 1958 (presidente, governadores, senadores e deputados) e a promulgação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação em 1961 (essa é uma lei muito importante para a educação). A aprovação do Plano Nacional de Educação em 1962 dá espaço para uma nova experiência de educação de adultos. É um momento de mudança na educação formal para adultos no Brasil.

— E o que isso mudou?

— Os sinais dessa mudança são o discurso do então presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. Depois o relatório do seminário preparatório em Pernambuco, cujo relator foi Paulo Freire. Lá eles apresentaram o grande problema do Brasil.

— Os políticos?

— Hahaha... Boa. Mas no caso, o problema indicado foi a miséria do povo e propuseram uma nova forma de trabalho educativo. Um trabalho com a participação de todos no processo educativo, considerando a sociedade em que vive. Paulo Freire foi o grande destaque desse período, com um novo olhar a respeito da educação de adultos, uma alfabetização conscientizadora, cuja base era a alfabetização, para posterior continuidade dos estudos, pensando em uma Universidade Popular.

— Paulo Freire? Tem gente criticando esse cara? – disse Tiago.

³ REIS, Nando. *All Star*. In: Para quando o arco-íris encontrar o pote de ouro. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 2000

— Por desconhecimento, por ignorância, no sentido de ignorar suas obras. Pois, seu trabalho trouxe na verdade a luta pela educação libertadora das pessoas mais pobres. Você quer educação? Você quer ser livre? Quem pode ser contra isso?

— Claro que quero!

— Você já leu Paulo Freire?

— Não.

— Então, como você vai julgar sem ler? Não quero que você concorde comigo.

Mas leia-o.

— Não tenho tempo.

— Tempo a gente organiza. É só deixar de ficar nas redes sociais...

— Pior! Eu nem vejo o tempo passar, só olhando a vida alheia...hahaha.

— Mas, sigamos. Portanto, no início dos anos de 1960 a educação popular buscou valorizar a cultura do povo. Uma nova forma de entender a alfabetização, proposta por Paulo Freire, para conscientizar as pessoas pela luta dos seus direitos.

— Até hoje a gente segue lutando.

— Os anos de 1960 e início dos anos de 1970 marcaram as transformações do sistema produtivo por influência europeia na educação. A educação permanente e a educação continuada promovidas por empresas resultaram em mudanças nas profissões. As pessoas precisavam ter um conhecimento mínimo para trabalhar nas fábricas, cada vez mais automatizadas. Nesse período surgem os exames supletivos tanto para o 1º grau (atualmente Ensino Fundamental) quanto para o 2º grau (o que chamamos de Ensino Médio) para atender as exigências do mercado.

— Então só decidiram “dar” escola para nós para que pudéssemos trabalhar nas fábricas?

— De uma certa forma sim. Mudaram a proposta inicial. Mudaram também o público. Antes a ideia era voltada para os adultos. O supletivo passou a acolher os jovens que foram expulsos do ensino regular por atingir a idade de 14 anos, ou aqueles que migravam do interior para as grandes capitais e a própria vida urbana, que os impediu de seguir estudando. Você já ouviu falar em Mobral?

— Não. – foi a resposta de Tiago.

— O Mobral contou com investimento intenso dos governos militares, da Loteria

Esportiva e de doações do empresariado. Se eles financiaram, logo, eles solicitaram um material didático com a visão dos economistas e dos meios de produção.

— O que é meio de produção?

— Explicando assim, bem rapidamente, é tudo aquilo que está na relação do empregador e empregado. No caso, “meios de produção” é aquilo que está sob o domínio do empregador, aquele que te contrata para o trabalho.

— Qual era a visão deles (economistas e os donos dos meios de produção) de educação?

— Por exemplo, 60% dos alunos do Mobral eram de jovens. O conteúdo distribuído continha temas como: higiene, saúde e trabalhos a ser feitos com poucos recursos. Os temas culturais e obras clássicas, mais interessantes, não chegaram aos estudantes. Você está conseguindo acompanhar a gravidade desses fatos históricos para a nossa formação?

— Nossa! É bastante informação. Estou tentando acompanhar. Acho que estou entendendo sim. Parece que a gente só precisava aprender o suficiente para trabalhar para eles, e de preferência recebendo bem pouco. Fazer o que é preciso para produzir, o resto não interessava.

— Isso mesmo. Com a promulgação da Constituição Federal de 1988 e de 1990 tivemos uma grande conquista: a declaração do ensino fundamental como direito público subjetivo e a responsabilidade do não oferecimento ou oferta irregular, inclusive para os que não tiveram acesso na idade própria.

— Por isso o atraso na educação brasileira. É muito recente a obrigatoriedade do Ensino Fundamental.

— Retorna a eleição direta para prefeitos. Os municípios geridos por progressistas deram destaque à EJA, baseadas nas propostas de Paulo Freire. Nesse período a categoria “trabalho” aparece como parte do ensino fundamental, ensino médio, inclusive para educação de jovens e adultos.

— Teve muita luta para defender a EJA, hein!

— Sim e também ocorreram conferências, nas quais foram publicados dois documentos importantes: a Declaração de Hamburgo e a Agenda para o Futuro. Esses documentos tornaram-se referência para a modalidade por sua defesa ao direito à

educação e o de aprender ao longo da vida.

— Parece bonito, mas ficou no papel, não é?

— Por isso é tão difícil ser EJA. Se conquista uma coisa, mas de repente tudo muda e não tem continuidade ou avanço.

— O que se tem, muitas vezes, é retrocesso.

— Pois é! Finalmente, nos anos 2000, um documento importante é publicado. É o parecer CNE/CEB 11/2000.

— O que é um parecer e o que são essas siglas todas?

— São normativas que orientam, nesse caso em específico, a Educação de Jovens e Adultos. CNE é Conselho Nacional de Educação e CEB, Câmara de Educação Básica.

— E o que elas dizem?

— Ela avança ao definir três funções para essa modalidade: função reparadora, função equalizadora e função qualificadora. Entretanto, pouca renovação de fato acontece na Educação de Jovens Adultos na prática, como bem sabemos e vivemos.

— Tá vendo! Tudo isso e no final deu em nada. – criticou Tiago.

Mas Fabrício argumenta:

— Avanços e retrocessos aconteceram, mas se nós não tivermos consciência disso, pode ter certeza, acontecerão muitos outros retrocessos. Temos que lutar pela EJA e não para perdê-la. A EJA precisa de avanços. Não basta a certificação de escolaridade, temos direito à educação integral.

— Nossa, Fabrício! Sua pesquisa foi bem aprofundada. Vou ter que ler esses textos aí que você pesquisou para entender melhor. Mas deu para ter uma ideia geral. Fiz um passeio no tempo histórico da Educação de Jovens e Adultos. Com toda essa base teórica e legal que você trouxe, podemos compreender porque a EJA está como está. Vai arrasar na apresentação.

— Ah, que isso! Valeu.

— Por isso que a professora defende tanto o PROEJA.

— Sim, porque ela sabe que é uma oportunidade de educação de qualidade e com qualificação profissional, em uma instituição de referência no país, ofertados principalmente pelos Institutos Federais.

- A partir de hoje, vou defender a EJA e o PROEJA.
- Isso aí! Vamos juntos lutar pela EJA e PROEJA.

7. Por que parar?

— Você precisa ajudá-lo, orientá-lo? — uma mãe desesperada por alertar seu filho sobre a continuidade dos estudos. — Ele tem se mostrado tão desinteressado. Não sei mais o que fazer.

— Tudo bem, tudo bem. Vou fazer o possível. Vou falar com os alunos do nono ano sobre a importância da continuidade dos estudos após a conclusão do ensino fundamental. — disse a orientadora educacional.

Lá seguiu ela com passos firmes para a sala de aula da turma do 9º ano B. Depois das saudações iniciais, perguntou:

— Então turma, depois da última conversa sobre a transição de vocês do Ensino Fundamental para o Ensino Médio, o que estão pensando em fazer?

Rita iniciou o assunto falando em se matricular numa determinada escola em um curso técnico, mas quando ia dizer o porquê foi interrompida por Bruno, que falou...

— Meu pai vai pagar uma escola privada para eu fazer o ensino médio, mas ele quer que me comprometa a estudar bastante.

— Claro, ele vai gastar uma fortuna de mensalidades contigo — disse Claudia — e acrescentou... — Burguês! Já eu não tenho esta sorte, nossa renda familiar mal dá para manter os custos da casa! Terei de me contentar em conseguir vaga numa escola pública.

— Eu ainda não sei se continuo estudando, caso consiga um trabalho, pretendo ajudar meus pais nas despesas da casa, até agora vivo às custas deles e vejo que a nossa renda ao invés de aumentar, diminui. — Disse Jenifer, enquanto a Letícia entrava no assunto endossando o que a colega disse...

— Concordo contigo, é o meu caso. Minha mãe é separada e meu pai... não sei dele há anos. Ela é costureira e o que ganha é muito pouco para pagar uma escola melhor. Acho até que vou arranjar um emprego, o que está muito difícil com a crise no país, e ajudar a minha mãe. Preciso de muitas coisas que ela não pode me dar.

— É pena que aconteça isso, parar de estudar, pois eu penso em continuar estudando e trabalhando, o problema é conseguir serviço sem experiência e ainda sem profissão, mas talvez com o fundamental completo, quem sabe! — falou Gustavo.

Mariana interferiu dizendo...

— Bom, eu até gostaria de continuar, mas as minhas notas estão tão baixas que nem sei se posso concluir o ensino fundamental, quem dirá o ensino médio. Lá em casa o clima é muito ruim, o pai e a mãe vivem discutindo por vários motivos. Quando não são os dois é com meus irmãos ou comigo. O único momento que me sinto bem é na escola, conversando com minhas colegas ou na sala de aula, onde pelo menos tenho a atenção da professora, porque em casa não tenho paz nem para fazer os temas de casa ou ler um livro.

O Rafael, filho da senhora a qual a orientadora educacional havia atendido mais cedo, manifestou-se com estas palavras:

— Eu até que tenho tempo de sobra para fazer a lição de casa. O problema é que meu pai e minha mãe pouco sabem e não podem me ajudar quando tenho dúvidas, principalmente em matemática e em português. Às vezes deixo tudo em branco por não saber como fazer. Já fui repreendido pela professora por não fazer os temas. Mas não consigo, não consigo pensar, sei lá, não tenho ânimo, acho que não adianta.

Pâmela falou com ar de espantada...

— Cara! E eu que pensei que só eu tinha problemas. Mas é possível que os meus sejam em maior número e mais complexos que os que até aqui foram ditos. Vejam: meu primeiro problema começou no primeiro ano escolar, minha mãe e meu pai são de origem germânica e nunca falaram o português correto, por conta disso eu não aprendi “falar direito”, troco as letras, e para agravar eu não estive na pré-escola (Educação Infantil). Entrei direto no ensino fundamental. E não para por aí, teve ocasiões que não tinha comida e até o pão faltava na mesa, foi num tempo que houve crise, muita inflação e meu pai não conseguia serviço. Eu saía para a escola depois de tomar um copo de água com açúcar e sal que mamãe chamava de soro. Sempre fui muito obediente em casa e na escola, prestava atenção em tudo que a professora ensinava. Mas agora isto não é possível, porque têm alguns colegas de sala que vão pra aula só pra conversar, e eu não consigo me concentrar no estudo, além de tudo, há outros colegas que usam droga e um, inclusive, mora perto da minha casa.

Rita, uma aluna bastante curiosa, volta a entrar no bate papo...

— Como eu estava falando antes, a ideia de fazer o ensino médio com uma

profissão é porque ouvi falar que a educação é muito boa e ajuda para conseguir um emprego melhor. Meus pais não poderão pagar uma faculdade para mim e se eu for uma técnica profissional, poderei trabalhar e estudar custeando meus estudos. Não me passa pela cabeça parar de estudar. Tenho exemplos de estudantes que, mesmo os pais tendo recursos para custear seus estudos, pararam de estudar por causa de namorados e hoje estão na situação de mães solo ou precisando da ajuda dos pais. Não quero que isso aconteça comigo, porque entendo o quanto é difícil você viver sem um bom estudo e sem um bom emprego.

Rita ainda sugeriu:

— Que bom que todas as turmas se reunissem de vez em quando para relatarem os seus problemas, quem sabe essa pode ser uma maneira de incentivar a continuidade dos estudos? Seria um momento para debater, não para acusar ou julgar, mas para pensarmos em soluções para aquilo que não está tão bom.

A orientadora educacional retomou a palavra:

— Estou feliz que vocês deram as suas opiniões e fizeram suas críticas e autocríticas. É importante questionar o que está em volta, mas também é importante observar o que eu posso fazer para melhorar esse ambiente, para contribuir no projeto de vida e nos estudos. Há uma alternativa para quem precisa trabalhar, quem busca metodologias diferentes de estudo, ou até mesmo uma estrutura escolar mais adequada. Todos os anos ocorrem provas e sorteios de seleção nos Institutos Federais. Muitos alunos que passaram por estas instituições transformaram suas vidas. Talvez esteja aí a resposta para muitos. Não é para todos, mas é uma excelente alternativa para pensarem. Na próxima semana retornarei com as informações necessárias para se inscreverem e concorrerem as vagas. Fiquem atentos!

A orientadora saiu da sala pensativa. São muitas as histórias de vidas em nossas escolas. É fácil julgar sem conhecer suas angústias, medos, frustrações e desânimos. É preciso conversar. Ela saiu decidida a abrir espaço para ouvi-los. Aquela turma não podia parar de estudar. Nenhum aluno fora do Ensino Médio, saiu pensando.

8. Tudo de novo

- Nunca parei para pensar nisso.
- Você vê, as coisas vão acontecendo, se repetindo e a gente não se dá conta.
- Meus avós, meus pais, meus irmãos... todos começaram a trabalhar antes dos quinze anos. A maioria deles não conseguiu nem concluir o Ensino Fundamental.
- Pois é, comigo também.
- E a gente nunca parou para pensar sobre isso?
- Não.
- E a gente cresce, começa outra família e repete tudo de novo?
- É que para pensar sobre isso, às vezes alguém precisa fazer a provocação, questionar.
- A gente acha que é culpa nossa por não querer estudar e tal.
- Sim, mas na verdade a gente não vive uma cultura escolar? Logo a gente é incentivada a trabalhar, uma pressão pelo consumo, começa a trabalhar nova, para com os estudos, começa família e fica tudo complicado.
- Pegamos empregos precários, condições de trabalho difíceis, normalmente sem nenhuma segurança, na informalidade, muitas horas no trabalho, no deslocamento de um lugar para o outro.
- Nos convencem que isso é melhor para nós.
- É duro ter que trabalhar, estudar, pegar o ônibus cheio.
- Isso quando tem transporte, né. Porque muitas vezes a gente precisa ir a pé.
- Chega em casa e ainda precisa arrumar, lavar, cozinhar, cuidar dos filhos.
- Fora as brigas em família.
- O pessoal dizendo: *para que estudar?*
- Dá uma preguiça, um cansaço, vontade de ficar em casa.
- Quando vê, você parou de estudar. Se você já tem filho, ele está vendo esse exemplo.
- Quando cresce, não vê a gente lendo, nem estudando, só trabalhando e pensa, *vou parar de estudar para trabalhar também.*
- Começa tudo de novo.

- Verdade amiga, tudo de novo.
- Não podemos deixar esse ciclo se repetir.
- Bora arrumar cuidar para não perder a inscrição para o Ensino Médio.
- Anotou o site e as informações necessárias?
- “Tá” anotado.

9. Transformando histórias de vidas

A professora de uma turma de EJA propôs uma atividade para que os alunos pesquisassem sobre a trajetória escolar de seus familiares. Muitos desconheciam sobre a história de vida da família. A proposta chamou a atenção de duas alunas que conversavam entre si, após a realização da tarefa.

- Minha mãe trabalha com serviços gerais. Desde muito nova ela trabalha. Não terminou o ensino fundamental. Ela teve o meu irmão com 16 anos. Ela e minha vó criaram a gente. Minha mãe tem quatro filhos. Minha vó trabalhava na agricultura e sabe ler muito pouco. Estudou até a terceira série.

- Naquele tempo era difícil estudar, quase não tinha escola perto da casa das famílias. Mas hoje é cheio de escola. E porque as pessoas não estudam?

- Eu estava pensando sobre isso depois do debate na sala de aula. Antes da proposta da atividade, eu nem imaginava falar sobre essas coisas lá em casa. Engraçado, a gente mora com as pessoas, mas não conhece a história de vida da própria família.

- Verdade.

- Quando eu era pequena não tinha muito cabeça para estudo. Não tinha essas coisas dos pais lerem para a gente, colocar a fazer o tema e ajudar.

- A gente só queria saber de brincadeira, não é mesmo.

- Depois, quando eu fiquei adolescente, só queria saber de namoradinhos.

- Como crescer valorizando a escola, quando não se entende bem sobre o que a escola está falando? Parece tão distante da nossa realidade.

- O fato é que hoje eu consigo entender um pouco melhor. Não adianta escola se não tem justiça social.

- Justiça social?

- Sim. Justiça social! Ter acesso à saúde, lazer, moradia, educação de qualidade, alimentação, segurança, cultura. Coitadas... minha mãe e minha vó só trabalhavam. Depois, elas também não tinham muita experiência com escola. Mesmo quando elas queriam incentivar o estudo, era na briga, sabe. Agora, se a gente tivesse os direitos básicos garantidos, a trajetória escolar que a professora tanto fala, seria

mais natural, faria parte da nossa cultura. Por isso a sociedade precisa ser mais justa, para dar condições às famílias de criarem melhor as crianças e jovens.

- Estou começando a entender. Os próprios pais precisam sentir-se seguros no trabalho e financeiramente. Isso traz impacto no emocional, na educação. Mas hoje em dia tudo é tão intranquilo, inseguro. E agora?

- Agora eu vou fazer o que a professora disse. Vou ler o edital do processo seletivo para o Instituto Federal e das outras escolas públicas que oferecem o curso técnico integrado ao ensino médio.

- Parece muito bom. A “sora” explicou que o curso técnico integrado ao ensino médio é uma oportunidade para ter uma profissão ao mesmo tempo que estuda disciplinas comum da educação básica, ou seja, aquilo que é básico de toda pessoa saber como: português, matemática, química, biologia, história, geografia, etc.

- Isso mesmo! Vou procurar saber direitinho. Já sei que existem vários cursos e a seleção pode ser por sorteio ou prova.

- Nos casos de prova é preciso se preparar.

- Sim, mas ela já deu dicas que podemos estudar pela *internet*. A gente deve usar *internet* para estudar. Nem é só de rede social que se vive.

- Hahahaha! Porém, isso para quem tem internet. Porque a minha só dá direito a redes sociais.

- Vou me preparar, usar o laboratório de informática da escola. Ouvei dizer que também o próprio instituto oferece curso preparatório. Vou me candidatar para participar.

- Vou com você!

- Além disso, você precisa ter a identidade. A sora disse que teve gente que não pode fazer a prova porque perdeu a identidade, imagina?

- *Vixe*, eu não tenho a minha. Perdi e ainda não fiz uma nova.

- Bem, então você precisa ir no “*Tudo Fácil*” e fazer logo. Não perde tempo.

- Para tirar a identidade precisa de quê? Não lembro mais.

- Certidão de nascimento.

- Beleza. Então, precisamos da carteira de identidade, e ainda nos prepararmos para a prova e o que (quê?) mais?

- Quando abrir as inscrições é preciso cuidar os prazos e se inscrever. É tudo feito pela *internet*. Disseram que também lá na escola ajudam nisso. Daí vai ser preciso ter algumas informações anotadas no papel para não se perder na hora da inscrição.

- Tipo o quê?

- Endereço, e completo, hein! Nome da rua, CEP, cidade, número da casa ou apartamento, telefone. Não pode faltar nenhuma informação. Também precisa saber seu número de RG (carteira de identidade), CPF, e todos esses dados do responsável também. Até endereço de *e-mail* precisa ter.

-Ih, mas eu não tenho *e-mail*.

- Então precisa fazer um ou usar o da sua mãe ou responsável. Mas não pode esquecer, escrever errado ou perder a senha.

- Nossa! São muitos detalhes.

- Você só precisa se organizar direitinho. Trazer tudo anotado ou cópia dos documentos e do comprovante de endereço (conta de água ou luz).

- Vou organizar.

- Ah, e tem outra coisa importante. Se você estudou sempre em escola pública, se tem renda menor a 1,5 salário, descendência negra ou necessidade especial, daí você poderá ter direito a cota. Nesse caso, precisa olhar direitinho o código que corresponde à cota na qual você quer se inscrever e os requisitos necessários para concorrer ao sistema de cotas. Você terá que comprovar, por exemplo, a renda, se for esse o tipo de cota escolhida.

- Vou pedir ajuda da professora.

- Isso, em caso de dúvida, é importante pedir auxílio. Mas está tudo escrito no edital.

- Mas você viu quantas folhas têm aquele edital?

- Vi, mas são informações importantes. Vale a pena ler para ter a oportunidade de ingressar em uma escola de qualidade e com formação técnica e integral. E tem o site com algumas informações básicas, onde é possível consultar as dúvidas frequentes, inclusive por meio de vídeos informativos.

- Integral? Por quê? É o dia inteiro?

- Hahahaha. Não, é porque além de preparar para a profissão do curso, ele te

prepara para a vida. Lá eles não querem que você saiba só o que é preciso para executar uma tarefa profissional. Eles te enxergam como pessoas e não robôs em linha de montagem. A gente precisa pensar, sentir, ter acesso ao conhecimento da humanidade. Eu pelo menos, não quero me limitar. Quero aprender tudo.

- Hummm, parece ótimo!

- Eu sei que são muitos detalhes, mas são esses detalhes que vão ajudar a gente a romper com esse sistema de falta de acesso.

- Ué, mas você não disse antes que a escola não dá conta da mudança se não houver justiça social?

- Mas eu li em algum lugar uma frase de um educador, se não me engano, o nome dele é Freire, que dizia assim: “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”⁴. Então, minha amiga, vamos nos jogar na educação, que é por aí o caminho para buscar transformar nossa realidade e construir uma nova história.

- Quem sabe, quando nossos filhos perguntarem sobre nossas trajetórias, vamos poder contar tudo o que aprendemos, então para eles, já poderemos dar outras oportunidades, e possa ser um pouco mais fácil do que está sendo para nós.

- Isso mesmo, amiga! Vamos ter experiência e saber orientá-los a também buscarem o caminho da educação para o seu pleno desenvolvimento. Pouco a pouco, vamos transformando nossas vidas.

- Tomara.

- Vai ser, você vai ver.

⁴ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. Carta-prefácio de Balduino A. Andreola. São Paulo: Editora UNESP, p. 67, 2000.

10. (In) Satisfação - Rodada I

A turma de ex-alunos do 9º ano da Escola Francisca do Sul reúne-se todo ano em algum lugar combinado. Esse ano o encontro ocorreu na pizzaria. Passaram-se três anos da formatura do Ensino Fundamental. Sempre tem alguém faltando, mas a galera consegue manter contato pelo grupo de *WhatsApp*. Esses momentos fortalecem o vínculo entre eles e falam sobre suas vidas. O pessoal anda muito preocupado com o desemprego e o assunto de trabalho e formação tomou conta da conversa.

-Gente! Muito bom reencontrar a galera.

- Satisfação. Hahaha!

- Mas e aí, todo mundo com “trampo”, estudando, o que “tá” rolando?

- Pelo papo que está correndo, tem um povo aí que já trabalhava desde antes, né, alguns pararam de estudar e outros estão estudando ou estudando e trabalhando...

- Eu fiz processo seletivo e estou fazendo o curso de Eventos no IFSul. Em reunião com o coordenador do curso, ele explicou que o curso Técnico em Eventos é voltado para eventos culturais. O mercado tem crescido muito nessa área. Esse profissional pode assessorar, coordenar e conduzir grupos de trabalho para execução de serviços de apoio técnico e logístico em todas as etapas dos eventos, considerando a sustentabilidade ambiental, social, econômica e cultural. O técnico em eventos também pode gerenciar e executar projetos conforme a necessidade de organizações públicas e privadas.

- Mas que beleza hein garota! E como anda o trabalho de vocês, tô atrás de um *bico* aí. Se souberem de algo...

- Bah! Eu estou na área da alimentação. Meu trabalho é cansativo, quase não tenho tempo para nada. Se eu souber de alguma coisa, te aviso. Quero fazer um curso técnico para ter mais oportunidades e, quem sabe, um futuro melhor como a colega.

- Eu sou operadora de caixa. Gosto de trabalhar com números, contas e gosto de atender os clientes. Eu encontro satisfação no meu trabalho. Agora está complicado abrir vagas. Eles quase não estão contratando e quando chamam alguém, é temporário. Meu sonho é fazer o curso técnico em Administração e depois uma faculdade. Eu gosto muito de poder pensar que tenho liberdade para fazer outras coisas. Acredito que um curso de administração possa contribuir, pois ele tem uma

formação que vai desde comércio, no qual trabalho, como empresas e prestação de serviços.

- Você não se inscreveu para o Instituto Federal?

- Não. Não me organizei, acabei perdendo os prazos, não sabia muito bem como fazer.

- Dessa vez não perde tempo. Vai lá se informar direitinho.

- Eu ajudo minha mãe, costurando calçados, sabe. Até que gosto, embora o dinheiro seja pouco e não é de carteira assinada.

- Mas você quer fazer sempre isso?

- No momento é o que tem. Mas quero continuar estudando, só que ainda não deu.

- O modelo social em nosso país atual faz com que tenhamos trabalhos precários.

- Por que diz isso? Trabalho precário?

- É quando não tem vínculo com o trabalhador. O que o exclui de alguns serviços sociais, como: seguro desemprego, licença saúde remunerada, contribuição para aposentadoria, remuneração em caso de acidente de trabalho, férias, 13º salário, FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço), entre outros. Ainda mais quando o trabalho é em casa. Se trabalha por horas, com a ideia que você pode controlar seus horários, mas na verdade, se não produzir muito, acaba por receber pouco. E um dos sentidos do trabalho é tempo de trabalho e tempo livre, com uma vida cheia de sentido dentro e fora do trabalho.

- Eu trabalho na pavimentação. É um bom trabalho. Faço pavimentação nas estradas, ruas e calçadas, utilizando areia ou terra, usamos paralelepípedos ou blocos de concreto, até mesmo asfalto.

- É um trabalho pesado?

- Sim, é. Mas é um trabalho muito digno, pois garante vias bem pavimentadas para a circulação do transporte. Uma rua má pavimentada é bem ruim, não é mesmo?

- Hoje você está novo, mas será que dá para aguentar até se aposentar?

- Não penso nisso. Está muito longe.

- Mas a gente precisa pensar, para se planejar, organizar. Inclusive em lutar por

garantias para o nosso bem-estar.

- Mas como fazer isso? A gente tem poder de decisão?

- Podemos tentar nos organizar. A coletividade é a única forma da gente se articular e unir forças. Sozinhos, realmente é difícil. O nosso desafio é buscar uma sociedade que vá além do capital, pois isso atinge diretamente a nós que trabalhamos.

- A única organização que a gente tem direito é trabalhar cada vez mais, haha.

- Bah, verdade meu! Mas não podemos manter assim. Os movimentos sociais são muito importantes para essa organização. É por aí o caminho, apoiar os movimentos sociais. Outra forma é a nossa própria forma de consumir. A nossa vida cotidiana poderia ser mais voltada para ser do que ter. O nosso momento livre ser para usufruir espaços culturais da própria comunidade ou outras atividade da vida cotidiana, e não ir a shoppings ou fazer compras que nem sempre são necessárias.

- O meu trabalho é muito importante para o meio ambiente, pois contribui para diminuir o descarte de lixo nos aterros sanitários. Agora eu trabalho catando latinhas e outras coisas. Trabalho porque preciso. Quero continuar estudando e trabalhando.

- Você atua junto a cooperativa de reciclagem?

- Não.

- Olha só, essa é uma forma de se fortalecer. Você poderia buscar o vínculo com a cooperativa. Essa é uma forma de fortalecer formas de trabalho que atuam para a coletividade.

- O que é uma cooperativa?

- É uma iniciativa social na qual se trabalha com a coleta e triagem do material reciclável. A maior parte do material coletado vem do trabalho dos catadores cooperados ou dos programas de coleta seletiva municipais. E trabalhando juntos, você tem maior amparo no seu trabalho.

- Vou procurar saber como posso fazer parte da cooperativa.

- Estou na área de montagem de festas. É um trabalho que gosto e quero seguir a profissão de *DJ*. Vou estudar e trabalhar para ter as coisas que eu quero. Esse trabalho tem muito sentido para mim, porque é satisfatório. Sinto prazer no que faço.

- Você poderia fazer Eventos no IFSul. Ia te ajudar bastante a organizar suas festas e outros eventos.

- Boa ideia. Vou dar uma olhada e saber como fazer inscrição.

- Mas sabe aquilo que você falou sobre o nosso dia a dia, concordo com você.

Muitas vezes a gente nem sabe o que quer mesmo. A gente pensa que quer algo. Compra naquele impulso, e depois descobre que nem era tão importante assim, e fica um tempão pagando as prestações.

- Nem penso em comprar o que não preciso. Tá “braba” a coisa! Ainda estou lutando para ter o básico. Quase que nem venho hoje. Mas meu amigão aqui disse que pagava a rodada. Por isso vim. Estou desempregado. Quero evoluir o máximo pelos meus filhos. Quero ser um exemplo para eles. Mas a situação atual do país, não ajuda. Vou tentar fazer um curso profissionalizante. Quem sabe tenho uma chance.

- Não estou satisfeita, pois não é isso que quero fazer. Auxiliar de serviços gerais não é o que gosto, mas é o que consigo de ocupação no momento. Quero estudar e ter um trabalho melhor remunerado, fazer o ensino médio e um curso técnico, talvez na área de segurança do trabalho. Porque para mim, para o trabalho ter sentido, precisa ter a ver com os sonhos da gente. Vocês não acham?

- Gosto do meu trabalho de cuidar de crianças, mas vou continuar estudando e trabalhando. Fazer Magistério talvez.

- Panfletagem é para judiar da pessoa. O cara caminha o dia inteiro e ganha pouco.

- Eu trabalho fazendo faxina. Não gosto porque não é de carteira assinada. A gente não tem nenhum direito. Se fica doente, não recebe. Aí como você paga o remédio? E quando o filho fica doente, também não posso ficar para cuidar dele. Você não tem nenhuma segurança. Está tudo bem se não acontece nada de errado na sua vida. Qualquer doença, acidente, problema na casa, na família, você fica desamparada.

- Isso é a precarização do trabalho que eu estava falando.

- Pois é, como nessa pandemia que vivemos recentemente. Muita gente que trabalhava na informalidade ficou “sem chão”. Nesse momento é que a gente percebe o quanto ficamos vulneráveis.

- Sim. Sem poder trabalhar as pessoas ficaram sem renda nenhuma.

- É nesse momento que o Estado precisa intervir e auxiliar a população. Para isso serve o Estado. Mas como vivemos uma política de estado mínimo, ficamos sem

suporte.

- Isso provou o risco que é trabalhar na informalidade ou com o próprio negócio.

- Depois da pandemia, tô *paradão* aí. Mas quero aperfeiçoar-me. Voltar a estudar.

- Sou auxiliar de almoxarifado. Onde trabalho ganho muitas oportunidades de crescer na empresa. É um emprego muito bom. Estudo para ser promovido e para isso, precisa ser qualificado. Preciso de diploma em Administração. Então poderei ser promovido para área de chefia. Para administrar a organização de suprimentos. Mas se eu fizesse Logística, também seria um bom curso.

- No momento sou auxiliar de costura. É um trabalho informal. Quero aperfeiçoar-me também, por isso, voltei a estudar. Gostaria de fazer um curso técnico na área de gastronomia.

- Atuo na área de segurança. Também é um emprego informal como a colega. Vou terminar os estudos para melhorar. Meu desejo é fazer um curso técnico de enfermagem.

- Bah! Estou “tri” cansado! Sou frentista e queria ter um trabalho que eu não precisasse caminhar o dia todo. Sinto dores nas pernas no fim do dia. O ideal era poder trabalhar menos tempo.

- Por isso a importância de fortalecer sindicato dos trabalhadores. Esse é um dos movimentos sociais que tensionam as mudanças necessárias desse regime que sufoca os trabalhadores. São esses movimentos, que precisam ser fortalecidos para buscar, por exemplo, diminuição de horas trabalhadas por dia, atendendo necessidades sociais fundamentais. O tempo livre, ampliado de forma crescente, poderia, então, ganhar um sentido de fato livre.

- Meu caso é a mesma situação da colega. Se der algo errado no meio do caminho, quem trabalha na informalidade não tem assistência. Além que ganhamos pouco. Não dá para fazer uma reserva.

- Gente, gente! Já vi que está todo mundo curtindo a conversa, mas preciso dizer: a pizza está uma delícia!

- Hahaha! Como dizem mesmo? Tudo acaba em pizza!

- Vamos comer. Mas tem mais rodada de pizza e de conversa.

11. (In) Satisfação - Rodada II

O rodízio de pizza continua com a turma de ex-alunos do 9º ano da Escola Francisca do Sul de 2017. Muitos colegas relatam seus sonhos e dificuldades durante o encontro. A classe, que vive do trabalho, se reúne para falar sobre as necessidades do trabalho, mas também na busca emancipadora e encontrar realização e sentido no que faz.

- Por enquanto estou me virando. Faço bolos. Mas é claro que quero continuar estudando e trabalhando. Quero fazer o técnico de enfermagem porque acredito ser uma profissão importante no cuidado com as pessoas que estão passando por doenças. Esse período recente que passamos da pandemia, reflete muito bem a necessidade de profissionais que atuam de forma eficiente, responsável e também humana.

- Sou pedreiro e é um trabalho valorizado. Porque acredito que ajudo as pessoas a realizar sonhos, como a casa própria. Quero continuar estudando e trabalhando, porque pode ser bom para o meu futuro. Aprender é sempre muito bom. Chego bem cansado do *trampo*, mas tenho a satisfação de ter feito um bom trabalho e ele traz resultados. Por isso que é valorizado, sabe. Depois olho e digo: *ajudei a construir*.

- Pois então parceiro, estou na obra, serviços gerais. Estou satisfeito com meu trabalho, porque com o desemprego de hoje não dá para escolher serviço. Dizem que a gente precisa agradecer por ter emprego? Não é?

- Fazem a gente pensar assim para não reclamar. As pessoas lucram com nosso trabalho e a gente ainda precisa agradecer? Eles que tinham que agradecer. Ganham e muito com o nosso suor.

- Sim. O sistema em que vivemos vem de uma sociedade escravocrata. Todo tipo de trabalho deveria ser valorizado, porque ele contribui para a vida das pessoas. Precisamos de todo mundo.

- Eu acho que a gente tem que agradecer mesmo, pois senão, cadê o pão na mesa?

- Mas eles não estão fazendo favor. Eu estou trabalhando por isso e ganhando bem pouco. A nossa renda deveria permitir atender às necessidades de base, dando-nos segurança e autonomia na vida. Trata-se da nossa dignidade pessoal. É respeito

pelo nosso trabalho.

- Isso dá pano para muita conversa. Isso acontece porque tem pouco emprego, por isso quem tem, levanta as mãos para o céu. Nas últimas décadas o mundo do trabalho está passando por novas organizações, novas tecnologias e modelos inovadores. Tudo isso modifica a natureza de algumas profissões.

- Verdade. E o que acontece? Muitas pessoas sofrem pelo fato de terem que trabalhar horas e horas, enquanto outras sofrem pelo desemprego.

- Em que ponto a gente chega. Por isso, estudar é tão importante. É uma forma de ser menos explorado.

- Isso não significa que não possamos continuar sendo explorados. Porque o sistema capitalista e o projeto neoliberal implementado em nosso país é assim. Ele cria o trabalho que explora com baixos salários, aliena e deixa o *povão* infeliz.

- O que é capitalismo e neoliberalismo?

- Falando grosso modo, capitalismo é o individualismo como prioridade para dar conta do lucro do mercado. Cada um por si e desfazer o engajamento coletivo. O capitalismo entrou em crise com a globalização e avanço tecnológico, gerando um novo modelo: o neoliberalismo, com proposta desenvolvimentista e estado mínimo, ou seja, o menor número possível de serviços públicos e gestão pelo mercado. Os organismos internacionais interferem na educação para servir ao papel do capitalismo. Uma luta global de um modelo econômico e um retrocesso de política social muito forte. Bem, é mais ou menos o que eu lembro da aula de Sociologia, no IFSul.

- E também é por isso que não investem em educação. Quanto mais conhecimento temos, mais lutamos pelos nossos direitos e não somos enganados tão facilmente.

- Vamos voltar a estudar, galera. Vamos continuar. Eu estou fazendo informática no Instituto Federal. Já consegui até um estágio na própria escola. Estou gostando muito e está abrindo muitas portas para mim. Você cresce profissionalmente, mas também cresce como pessoa. O Técnico em Informática tem por objetivo formar profissionais para exercer atividades preferencialmente na área de desenvolvimento de *softwares* para as mais modernas tecnologias, de equipamentos pessoais à internet, visando atender à exigência crescente de profissionais de informática no mercado.

- Nossa! Fiquei interessada!

- Eu dou a maior força! Minha vida vem se transformando com o estudo. Além de novas oportunidades de trabalho, a minha própria forma de ver a vida e agir, mudou através da educação. Eu estou fazendo o curso de Plásticos no IFSul. O profissional técnico em plásticos receberá formação que permitirá sua atuação no mundo do trabalho, auxiliando ou gerenciando as etapas de planejamento, execução, controle e supervisão do processo produtivo nas indústrias de transformação do plástico, levando em conta os princípios de sustentabilidade ambiental.

- Já eu, estou cursando Técnico em Mecânica. O curso Técnico em Mecânica é voltado para área industrial. O estudante sai preparado para dominar conhecimentos nas áreas de projetos de produtos, ferramentas, controle de qualidade, controle de processos e manutenção relacionados a máquinas e equipamentos mecânicos da indústria.

- Eu ia gostar de trabalhar como Técnico em Plástico. Poderia trabalhar em uma grande empresa e criar alternativas de materiais plásticos que podem melhorar o dia a dia das pessoas, dos produtos, essas coisas.

- Falando em satisfação, foi uma satisfação rever todos vocês. Infelizmente, já está na hora de eu ir para o meu curso. Passei no "IF" e tenho aprendido muito. Por meio da assistência estudantil, consegui recursos para me manter estudando. É puxado, mas está valendo a pena. Estou fazendo administração no PROEJA.

- O que é PROEJA?

- É uma modalidade da Educação de Jovens e Adultos com Educação Profissional junto e o curso tem duração de 6 semestres. O profissional técnico em Administração passará por processo formativo, buscando tornar-se um cidadão com visão crítica, capaz de interagir no contexto social, cultural, político e econômico em que vive, contribuindo para a transformação da sociedade. Aprende a operacionalizar atendimentos, serviços e rotinas administrativas, dentro de organizações empresariais, comerciais e do chamado Terceiro Setor (prestação de serviços).

- Gostei irmão! Sucesso aí! Avisa quando abrir o processo seletivo novamente. Quem sabe a gente ainda será colega de curso?

- Será uma satisfação!

12. A tua influência

A turma de formandos do ensino fundamental do ano 2017 está reunida, discutindo sobre a influência da escolarização para o trabalho e para a vida. Um aluno abriu o debate com a seguinte frase:

- A escolaridade influencia muito nas oportunidades de trabalho. Para a gente ser “alguém na vida”.

- Mas já não somos alguém na vida, Lucas? – pergunta a professora. Você não está aqui na minha frente, conversando, participando dessa aula?

- Profissionalmente falando, *sora*. – respondeu o aluno.

- Mas nossa vida não se limita ao trabalho. É muito mais amplo. Envolve também escolhas afetivas, questões pessoais, projetos coletivos. O que vocês acham, turma?

- Concordo, professora. – respondeu outra aluna. A gente foca muito no trabalho porque parece que quando nos tornamos jovens, essa cobrança é a que mais vem. E todo mundo diz que é preciso estudar para ser alguém. Como se a gente não fosse alguém. Acredito que foi por isso que o colega se expressou daquela maneira.

- Muito bem, Alice. De fato, os valores que a sociedade impõe, acaba se fixando mais no nosso pensamento. Da mesma forma nossas experiências no âmbito da família. Os projetos baseiam-se na história de vida de cada um. Mas é preciso ficar atento, para não manter um círculo vicioso ao qual muitos podem estar condicionados em razão de suas vivências. Mas voltando ao nosso tema sobre escolarização e trabalho, o que vocês pensam sobre isso? Ainda mais, como a colega já comentou aqui, existe essa cobrança para vocês, alguns recém fazendo 15 anos, terminando o Ensino Fundamental e indo para o Ensino Médio.

- Ah... A educação⁵ é importante porque nos dias de hoje é fundamental. – retomou Lucas.

- Hahaha... Olha o cara aí! É importante, é fundamental, mas não estuda, haha. – ria Felipe.

⁵ Os alunos usam a expressão “educação” nos diálogos, fazendo referência a educação formal, institucionalizada. Entretanto, é importante salientar que o termo educação é muito mais amplo. A educação pode acontecer em diferentes contextos: familiar, grupos sociais, atividades de cultura, lazer e esporte, no trabalho, entre outros.

- Para meu, tô falando. A educação influencia em tudo que fizemos hoje em dia.
- Acho que com o apoio da escola podemos alcançar nossos objetivos. – falou Lilian.

- Que tipo de objetivos, Lilian? – a professora provocou a reflexão.
- Por exemplo, eu quero ser independente. Para isso, o trabalho é uma das formas dessa independência. Pois com o salário eu posso, de repente, comprar um apartamento, ter um lugar legal. Isso faz parte dos meus planos. – respondeu Lilian.

- Hoje em dia, em muitos casos, quando você vai procurar emprego é requisito ter o ensino médio. – falou Ricardo.

- Minha mãe me avisa muito sobre isso. – destacou Fabiana. - No mercado de trabalho, quem tem mais estudo tem mais oportunidades.

- É interessante essa sua fala, Fabiana. Aqui aproveito para chamar a atenção de vocês a respeito do termo “mercado de trabalho”. Essa é uma expressão bem limitadora. O mercado de trabalho ele exclui os desejos e anseios do trabalhador e preocupa-se mais com a lei da procura e oferta por uma vaga. Trata o trabalho como mercadoria. Fica restrito ao que o mercado precisa. Nós precisamos ampliar esse nosso olhar. Precisamos vê-lo como “mundo do trabalho”.

- E qual a diferença? – questionou Júlia.

- O mundo do trabalho relaciona-se com a educação, juntos, não separados. Muda a percepção do trabalho. Por essa visão o trabalho assume-se como atividade humana e não meramente de mercado. Engloba o ambiente da atividade, as leis trabalhistas e suas mudanças, os produtos gerados pelo trabalho, os diferentes discursos de acordo com a política econômica, as técnicas e as tecnologias que transformam o trabalho, as profissões, as culturas, as identidades, enfim, todo esse processo dinâmico de atividade.

- É bem mais complexo, né sora. – respondeu Júlia.

- Sim. Porém, é nosso papel, enquanto escola, provocar essa reflexão. Se a gente se limitar ao jogo do mercado, fica difícil entender as mudanças que ocorrem no mundo do trabalho. Por isso quero mostrar para vocês uma alternativa de formação integral, para que vocês possam ser capazes de realizar escolhas futuras em seus projetos de vida.

- Por isso que a educação é a base de tudo. Porque pensar sobre tudo isso não acontece de forma natural, não é professora. A gente não acorda um belo dia e pensa sobre essas coisas que a senhora falou. – Pedro alertou.

- A educação muda a nossa forma de se comportar em sociedade. – falou Aline.

- Se for uma educação libertadora. – completou Júlia.

- Muda é? Não funcionou com você. – brincou Felipe.

Esse é aquele momento que a turma começa a rir e a professora tenta trazer para o foco do debate.

- Sério gente. Devemos ter um pouco de seriedade. Esse tema é importante.

- Eu posso ter educação diferente de muitas pessoas e eu posso aprender e ajudar de uma forma diferente. A educação não acontece somente na escola, não é professora? – disse Felipe.

- Está correto, Felipe. O espaço educativo dialoga, organiza e constrói a própria história e cultura do cidadão. A educação acontece tanto na escola como em outros espaços da sociedade: na família, no grupo de jovens (seja de alguma atividade religiosa, grupos musicais e ONGs) em cursos não formais, entre outros. Porém, a escola é um espaço formativo que precisa se preocupar com a educação integral. É pensar nos jovens e adultos em sua totalidade de capacidades produtivas com o mesmo empenho que também trabalha as capacidades de consumo e prazeres, considerando os bens espirituais, além dos materiais.

- Mas professora, tem gente que não teve escola e conseguiu vencer na vida. – argumentou Rita.

- O que é vencer na vida? – a professora fez a pergunta para a turma.

Rita ficou pensando e não respondeu.

- Acho que vencer na vida é algo muito pessoal. – Júnior entrou na conversa. - Eu posso considerar que vencer na vida é ganhar um bom salário.

- Eu te faria então uma outra pergunta. O que seria um bom salário? – questionou a professora.

- Dois salários mínimos. – disse Júnior.

- Dá para sustentar uma família com dois salários mínimos? Incluindo cultura, lazer, educação, moradia, saúde? – indagou Ricardo.

-Ah... não precisa tudo isso. A gente precisa se virar também. – retrucou Júnior.

- Pois é isso que estamos falando. Da gente ter direito a tudo, não somente para sobrevivência. Nada contra. Muita gente não estudou porque não pode, mas se a gente tem a oportunidade, precisa estudar. – salientou Pedro.

- Até porque, até hoje as oportunidades não são para todos. Mesmo com estudo. – comentou Júlia.

- Sim, mas sem o ensino formal, as dificuldades são maiores. Pesquisas⁶ indicam que o rendimento médio do povo gaúcho era de R\$ 1.877,00 em 2017, ou seja, menos de dois salários mínimos. Outras regiões do país o rendimento pode ser ainda menor. Quanto menor a escolaridade dos jovens e adultos, os índices de desocupação aumentam e o salário diminui. Os dados apontam que pessoas com ensino superior têm os melhores rendimentos e a possibilidade de ficarem desocupada é menor.

- Sem falar que quando você estuda, incentiva outras pessoas. – participa do debate Rose.

- Com estudo temos mais chances em arrumar um bom emprego e realizar nossos sonhos, nossos projetos de vida. – disse Lisiane.

- Estudo é o básico. A professora disse que a educação básica vai até o Ensino Médio completo. Então, acho que o mínimo era todo mundo estudar até o Ensino Médio. Mas uma grande parte da população não termina nem o Ensino Fundamental. – alertou André.

- Eu estou dizendo. A garantia de estudar o básico não é igual para todos. Por isso, se você tiver a chance, agarre. – bradou Jonathan. - Quanto maior a escolaridade, mais oportunidades. Quem tem o ensino médio tem mais oportunidade do que uma pessoa que não tem.

- Tem gente que tem estudo, mas mesmo assim não consegue emprego. – falou Rita.

- Mas você não entende mesmo! Não se trata só de trabalho. Tem a ver com a gente, com pensar, viver a vida plenamente, conhecer vários assuntos, entender as

⁶ IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Brasil em desenvolvimento:** Estado, planejamento e políticas públicas. Brasília: Ipea, 2017.

pessoas, a sociedade. Envolve o trabalho, mas vai muito além. – interpelou Angélica.

- A educação é a base de uma pessoa, mas é importante para arrumar emprego. Todo mundo precisa trabalhar. – comentou Gabriela. - É preciso estudar para qualquer tipo de trabalho hoje em dia, mesmo com estudos está difícil conseguir um trabalho de carteira assinada.

- A maioria aqui concorda que a educação influencia na vida da gente, né? – Júlia perguntou a toda turma.

- Isso aí! – responderam em voz coletiva alguns.

- Então, se a maioria concorda, vamos estudar moçada! Vamos lutar para exercer o nosso direito à educação e chamar mais gente para vir para o lado de cá. – complementou Ricardo.

- Fechou. – uma voz ao fundo.

- *Tamo* junto. – outras vozes falaram.

- *Bora* nessa. – alguém vibrou.

A professora saiu feliz da aula por conseguir fazer a turma refletir sobre várias frases que foram comentadas durante o debate e motivar alguns dos alunos e alunas a buscar a continuidade dos estudos. A maioria concordou que a educação formal tem influência na vida de cada um e na sociedade.

13. Até quando?

A escola está um alvoroço. Recomeço do ano letivo, todos retornando para escola. A turma de formandos da EJA do Ensino Fundamental está feliz, pois esse será o final de um ciclo, porém, um novo se aproxima: o Ensino Médio. O professor fez uma roda de bate-papo para cada aluno contar a sua trajetória escolar até chegar ali e procurar saber sobre as expectativas de continuidade dos estudos. Até quando os alunos poderão continuar a escola? Experiências de vida permeiam essa história que fala de sonhos, dificuldades e esperança.

- Olá, pessoal! Como já conversamos antes, nós vamos fazer essa primeira rodada falando sobre até quando poderá estudar e o apoio que recebe da família para isso. Vocês digam os seus nomes, idade e responde para gente. Vamos começar? – iniciou o professor.

- Boa noite, sou Cristina, tenho 28 anos. Lá em casa a coisa é complicada. Minha madrastra disse que se eu não passasse, não ia fazer a matrícula. Como rodei no 7º ano, parei de estudar. Agora, estamos aí de novo, na luta na EJA.

- Boa noite, professor, sou Maria, tenho 53 anos. Eu pude estudar somente até antiga 6ª série. Foi quando casei.

- Tudo bem, sou Rogério, 39 anos. Para mim, minha família custeou meus estudos até o 7º ano. Depois a situação financeira começou a ficar um pouco difícil. Comecei a trabalhar e não consegui estudar. Chegava em casa cansado.

- Sou Laura, 44 anos. Meus pais gostariam de ter custeado até minha faculdade, mas estudei até 7ª série. Casei aos 16 anos e então larguei os estudos.

- Jorge, 32 anos. Eles puderam custear até os 18 anos, porque eles têm mais filhos e não têm condições financeiras. Como reprovei e evadi da escola algumas vezes, acabei não conseguindo concluir o Ensino Fundamental.

- Enzo, 16 anos. A minha faz de tudo para eu ter um futuro bom. Eles podem pagar até a faculdade.

- Aí, meu. Tá grandão. – um aluno falou.

- Não é isso. Minha família sabe a dificuldade que é não ter estudo e graças a Deus, tem condições de me ajudar. Coisa que eles não tiveram e eu sei que muita

gente não tem.

- Jean, 18 anos. Eu já trabalho para poder estudar. Não ia poder estudar se não estivesse trabalhando. Meu pai faleceu. Agora é tudo comigo.

- Luciana, 35 anos. Meus pais não puderam me sustentar para estudar. Eles custearam meus estudos até o 5º ano e logo depois tive que parar de estudar para trabalhar em casa de família.

- Magda, 37 anos. Meus pais podiam ter pago até a faculdade, mas eu comecei a namorar cedo, casei, tive filhos e parei de estudar.

- Rafael, 16 anos. Não sei até onde meus pais vão poder pagar meus estudos. Por enquanto, eu só estudo. Mas até quando? Eu não sei.

- Paula, 16 anos. Minha mãe cuida de quatro filhos sozinha e ela não ganha um dinheiro muito bom. Então, eu tenho que ajudar, né. Enquanto eu puder trabalhar e estudar, vou estudar. Mas se for preciso, vou só trabalhar mesmo.

- Rodrigo, 17 anos. Com o ensino fundamental completo já posso conseguir um emprego e arcar com os meus gastos escolares e outros tipos de custos.

- Mas não dá para parar no ensino fundamental, colega. Vai no sufoco mesmo, mas precisa continuar! – a colega ao lado exclamou.

- Infelizmente, em nosso país, dada as diferentes realidades, estudar exige reunir condições, em geral, como ouvimos aqui, econômicas, mas não só, outros fatores de ciclos de vida que se repetem, dificuldades emocionais, mentais, problemas de saúde, luto, são alguns dos outros motivos que interferem nesse processo. Além disso, o estudante precisa reunir disposição pessoal para enfrentar a todas as adversidades do processo. – explicou o professor. – É uma combinação de fatores psicológicos, sociais e históricos.

- Na minha opinião, estamos em uma fase que devemos trabalhar e se sustentar. – respondeu novamente Rodrigo.

- Isabel, 29 anos. É, mas quem pode só estudar e aproveita bem essa oportunidade, tem mais qualidade no estudo do que a gente que rala o dia inteiro, chega cansado e ainda precisa chegar em casa e dar conta de um monte de coisas.

- Isso que você falou é muito importante, Isabel. Ter essa consciência é um passo importante para entender nossa trajetória escolar. Não quero desconsiderar a

relevância do empenho e dedicação individual não só na escola como em qualquer outro projeto, mas vou chamar atenção para essas realidades narradas até aqui. Quando um jovem ou adulto de camada popular diz assim “parei de estudar por minha culpa”, assume de forma solitária uma responsabilidade que, na verdade, é de toda a sociedade. Vocês podem não saber disso, mas ao falar dessa maneira acabam por reproduzir um discurso dominante que, além de criminalizar, responsabiliza a juventude por seus fracassos e desvios. – ponderou o professor.

- Oi professor, sou Ana e tenho 46 anos. Entendo o que o senhor está querendo dizer. Na época da minha infância e juventude, minha família não tinha condições. Eram pobres. Parei de estudar e estou de volta. Quero continuar, se Deus quiser.

- Muito bem, Ana. Mas com isso não quero dizer que vocês, turma, não tenham, cada um, sua parcela de responsabilidade sobre os caminhos da vida de vocês. Quero, sim, defender a importância dos jovens e aqueles que hoje já são adultos, conhecer a realidade em que estão inseridos. Assim, serão capazes de assumir um posicionamento crítico e autocrítico em relação às possibilidades e a si mesmos.

- Ninguém deveria ficar fora da escola, não é *sor*? Nem ter que escolher entre trabalhar e estudar. – ponderou Daniela, 18 anos.

- Toda família deveria ter condições de manter seus filhos só estudando até a conclusão da Educação Básica, para depois, trabalhar. Mas não é a realidade do brasileiro. – Henrique protestou.

- Como a gente não tem ainda o mundo mais justo como sonhamos e precisamos trabalhar, vamos ver quais são as alternativas. Então professor? Tem alguma dica para gente? – um dos alunos questionou.

- Sim, claro que sim. Uma dica que posso dar para vocês é a possibilidade de fazer os cursos nos Institutos Federais ou em outros cursos ofertados integrados ao Ensino Médio aqui na região. A partir do momento que vocês conhecerem mais sobre essas escolas de Ensino Médio com Ensino Técnico Integrado e sobre as políticas existentes para essa área, vocês poderão encontrar alternativas para acesso e permanência na escola, ou seja, aquilo que buscam. Eu esperava mesmo provocar, por meio desse bate-papo, o interesse de vocês para esse assunto e ao mesmo tempo orientá-los a continuar a trajetória escolar. O Ensino Médio Integrado à Educação

Profissional é uma oportunidade para a promoção da educação integral e da inclusão social.

- Muito bom, professor. É isso que precisamos, de orientação por onde começar e saber mais sobre esses cursos. – comentou Bianca.

- Tem *sites* nos quais a gente consegue informações. Vamos procurar no *google*, *instagram*, *facebook*, que são algumas das redes entre as quais vocês acessam. Vou escrever aqui no quadro alguns *links*. Esse será o trabalho de vocês. Pesquisar nesses *sites* informações a respeito do Ensino Médio Integrado, inclusive na modalidade PROEJA. Na próxima aula, vamos utilizar o laboratório de informática para fazer esta pesquisa.



- *Peraí* que eu estou anotando os endereços, *sor*. É importante buscar informação para fazer o Ensino Médio.

- Isso mesmo! Não dá para ficar parado colega.

- Até quando a gente vai ter que estudar? Quero ter forças para ir longe, mas por enquanto, vou atrás do Ensino Médio. – falou Dona Isaura, 49 anos.

- Principalmente esse ensino médio integrado. Esse tipo de ensino abre portas para uma formação qualificada, para o trabalho e para todo o conhecimento que a humanidade já descobriu. – disse Carolina.

- E ganhar o mundo! – exclamou Jeferson.

- Ih, olha o delírio! – brincou Priscila.

- Delírio nada. Você não acompanhou as notícias? Alguns alunos, que estão

fazendo o ensino médio integrado nos Institutos Federais, fazem descobertas e apresentam inclusive no exterior. – explicou Sônia.

- Sim e ainda cria materiais que vão contribuir para o meio ambiente, saúde, educação, indústria, cultura, enfim, para sociedade. Gente que dizia que nem gostava de estudar, encontrou paixão no estudo. – complementou Rafaela.

- Se é assim, até eu me apaixono. Hahaha! Vou estudar enquanto viver. – voltou a fazer graça, mas sendo sincera, Priscila.

- Essa aprendeu a lição da escola. – falou Sônia.

- Entrem lá nos sites e conferem aí! Quem não puder acessar antes, preparem-se porque semana que vem vamos conferir lá no LABIN⁷.

- Até quando eu vou estudar? Vou lutar para estudar sempre. – uma aluna motivada exclamou.

- Muito bom saber disso. Quanto mais vocês conhecerem a realidade em que se encontram, melhor compreendem o funcionamento dos mecanismos sociais de inclusão e exclusão. É importante ter consciência dos limites e das possibilidades abertas da área em que desejam atuar. Dessa forma, podem ter maiores chances em realizar os seus projetos de vida. Para isso que estou aqui, para orientá-los no que for possível.

- *Tamo junto!* – alguns alunos em coro responderam.

⁷ LABIN – Laboratório de Informática.

14. Cápsula do tempo – EJA ontem

Na semana passada a professora falou que abriu o processo de inscrição para o PROEJA (Programa Nacional de Integração da Educação Profissional). Ela explicou para sua turma de EJA, formandos do Ensino Fundamental que esse é um programa de Ensino Médio Integrado à Educação Profissional, na modalidade EJA. O objetivo é informar os estudantes sobre a oportunidade da conclusão da educação básica, juntamente com a formação profissional àqueles que tiverem a idade mínima de dezoito anos. Marcela é aquele tipo de aluna engajada e faz parte do Grêmio Estudantil. Ficou muito interessada em se inscrever e deseja incentivar sua amiga, Bruna, a também fazer o mesmo. Como se tivesse entrado em uma cápsula do tempo, contou para colega o que sabia sobre a EJA de “ontem”.

- Quero conversar com você hoje sobre a EJA. – disse Marcela.
- Que papo é esse? – respondeu Bruna.
- Andei pesquisando sobre a EJA e quero compartilhar com a minha melhor amiga o que descobri. – confidenciou Marcela.
- Tudo bem, então, diga.
- Você sabia que a EJA já existe há mais de 20 anos?
- Até achava que ela sempre existiu.
- Não, não.
- Porque quer falar sobre isso?
- Justamente por essa sua resposta. A gente acha que por haver hoje, é sinal que sempre existiu. O que nos leva a pensar também, que está garantida sua existência para sempre. Ambas afirmações são falsas.
- Esse não é um tipo de assunto que as pessoas conversam.
- Mas deveriam. Muitas vezes a gente se preocupa mais em falar da vida particular do vizinho do que assuntos que realmente interessam para o coletivo, como a escola, por exemplo.
- É que é mais interessante. – ria Bruna.
- Depende do ponto de vista. Eu acho bem interessante cuidar da minha formação e da minha família, dos meus amigos, das pessoas que amo. Também faz

parte da minha ação como integrante do Grêmio Estudantil.

- Muito bom, amiga.

- Enquanto a gente não fala sobre isso, tem gente por aí decidindo por nós, sabia?

- Eu sei, eu sei que toda essa conversa é para me convencer a me inscrever naquele curso de Ensino Médio com técnico lá que a professora falou.

- Também. Mas esses assuntos são importantes para todas as pessoas que precisam da educação de jovens e adultos (EJA). Porque, por diferentes razões, não puderam estudar ou enfrentaram outras dificuldades no processo, que resultaram em reprovação ou evasão escolar.

- Sim e não cabe (à? Cabe ao diretor... trocando por masculino, é isso a regra para crase?) à gente julgar os motivos e, sim, entender.

- Exato. Precisamos refletir e indagar sobre esses mais de 20 anos de história, para defendermos e nos comprometermos com os 20 anos para frente. Muita coisa avançou e muita coisa parou na EJA. A gente faz parte da EJA, como não vamos pensar sobre isso? A EJA tem um passado ainda presente, que precisa ser discutido. – alertou Marcela.

- Olha Marcela, vou ser sincera contigo. Eu estou mais interessada em conquistar meu diploma para apresentar na hora de buscar emprego.

- Mas não deve pensar assim. Esse é um discurso dominante. Que interessa a quem? Você pode não se dar conta. Veja só, isso era a EJA de antigamente. Dizer que os alunos têm pressa e o mercado também são algumas marcas desse passado. Esse projeto de certificação fácil corrompe com o verdadeiro sentido da escola e seu papel de transformação da realidade. Trata-se de uma herança do passado que não mudou. São modelos de escola e concepções de formação em disputa.

- Nossa, que disputa é essa? Não estou sabendo de disputa nenhuma.

- Veja bem, Bruna, não é possível que você só queira o certificado. Precisamos lutar por uma educação emancipatória. Precisamos responsabilizar e agir em conjunto com as ações do governo e da sociedade civil. A estrutura dessa modalidade foi pensada para trabalhadores. Precisa de uma maior responsabilização do poder público.

- Você acha?

- Com certeza. Esse é um passado da EJA que a gente precisa lutar para mudar. Precisamos de uma EJA que pense no desenvolvimento do trabalhador.

- Por isso que a proposta do curso PROEJA, que você insiste para nós, é tão interessante?

- Exatamente. O Curso Médio Integrado à Modalidade de Educação de Jovens e Adultos vai contribuir na formação de indivíduos capazes de melhor compreender, criar conexões e atuar em sociedade.

- Parece muito bom mesmo.

- A EJA sofreu a perda da identidade de uma modalidade para trabalhadores, como era inicialmente.

- Verdade, muitos que estão estudando na EJA hoje, não são trabalhadores.

- As influências dos organismos internacionais nos rumos das políticas educacionais do país, herança do passado, continuam até hoje.

- Organismos internacionais? Isso eu não entendo muito bem. Lá o estrangeiro está preocupado com a gente?

- Então vamos buscar entender. Acredito que no PROEJA teremos a oportunidade para aprendermos mais sobre isso. É uma chance para participar ativamente como sujeitos históricos na luta pela defesa da educação para todos. Vamos ter oportunidades de participar de debates como esses, que eu e você estamos tendo, em espaços adequados. Vamos ajudar a constituir a EJA como política pública sendo parte dela também no Ensino Médio.

- Não estamos debatendo. Só você está falando. Você pensa grande, hein amiga. Acha mesmo que podemos fazer alguma coisa?

- Vamos fazer assim, imagina uma cápsula do tempo. Nós vamos entrar nessa cápsula e acompanhar o desenvolvimento da EJA hoje e amanhã.

- Partiu?

- Partiu. Só você mesma.

- Só me acompanha... Vai ouvindo e imaginando.

15. Cápsula do tempo – EJA hoje

Marcela, iniciou uma conversa com Bruna contando sobre a história da EJA. A amiga não parecia muito motivada para ouvir, mas acabou cedendo ao pedido da colega. Então, Marcela elaborou uma história, para conduzir Bruna durante essa viagem no tempo de forma mais atrativa, com o objetivo de conscientizar a amiga sobre a luta pela EJA. Quem sabe, conseguiria convencê-la a continuar estudando depois da formatura no Ensino Fundamental. As inscrições para o PROEJA estavam próximas. Apressou-se e começou a narrar.

Imagine a EJA como uma pessoa, uma amiga de longa data. Ela vem crescendo, seguindo seus passos para construir a política pública do Estado, ou seja, para que o Estado olhe para ela e a trate com todo o respeito que merece e permita dar os frutos tão necessários. O Estado é um sujeito com seus aparelhos políticos e econômicos, rodeado por uma turma de partidos políticos, sindicatos, movimentos sociais, igrejas, o sistema escolar, as universidades e os meios de comunicação: jornais, revistas, rádio, televisão, ou, como poderíamos dizer na atualidade, o próprio ambiente virtual multimídia interativo.

Pois o Estado, junto com toda essa galera, com essa forte relação entre esses dois tipos de sociedades: de quem estava no governo (municipal, estadual ou federal) e das várias expressões da sociedade civil, viveram uma negociação acirrada.

A pobre política pública da EJA, cresceu, ou pelo menos tentou crescer, em meio aos diversos conflitos de interesses e disputas de poder.

Resultado: minha amiga EJA cresceu, mas não alcançou a escolarização na perspectiva emancipatória dos trabalhadores, desde a sua criação até hoje. Mas, podemos ver avanços na conquista de espaço desta modalidade e o fortalecimento da sociedade civil.

Sociedade civil, precisamos tanto de você. Mas vem sendo fortemente enfraquecida pelo sistema atual da livre economia.

Olhando hoje para minha amiga EJA, percebo que ela não corresponde ao seu papel pensado inicialmente. A modalidade voltada para trabalhadores tem um número cada vez maior de matrícula de adolescentes “expulsos do diurno”.

Os adultos, por outro lado, têm o número de matrícula diminuindo. Entende-se que há uma grande parcela de jovens que estão em distorção idade/ano escolar e necessita da EJA, mas os adultos e idosos não estarem de mãos dadas com nossa querida EJA não significa que eles alcançaram a escolarização. Meus amigos que precisam da EJA ainda não têm a educação básica, outra estimada amiga.

Nessa minha viagem *capsular*, a educação – EJA, Ensino Fundamental, Ensino Médio - são modalidade e etapas da educação Básica com as quais nós devemos cuidar com todo amor, carinho, respeito, investimento, para que cresçam e se desenvolvam de forma saudável.

Onde estão esses adultos e idosos? Eles não estão com a EJA e não estão com ninguém. Que triste!

A Educação Básica e a Educação Superior fazem parte do círculo de amizades importantes na formação educacional. Mas um terço da juventude brasileira, que deveria estar cursando a Educação Superior, sequer estão com a educação básica e não tem perspectiva de fazer contato com ela. Até para os mais descrentes, é difícil de aceitar que o Brasil, uma das dez primeiras potências, em termos de economia mundial, tem mais da metade de sua população, economicamente ativa, sem educação básica e sem perspectiva de alcançá-la⁸. Que história cruel, meus amigos! Que fim trágico!

Esperava-se romanticamente o fortalecimento da EJA, gerando um fruto: o alcance da educação formal para todos, mesmo para aqueles que não tiveram a oportunidade. Esperava-se que esse fruto estaria hoje crescido em uma situação melhor. Não foi o que aconteceu. Embora tenha ocorrido efeitos positivos em relação ao acesso à EJA nos primeiros dez anos, a questão do financiamento (sempre o dinheiro acabando com os sonhos) com aporte insuficiente pelo governo federal (esse amigo não ajudou como deveria) fragilizou a oferta desta querida amiga EJA.

EJA é a defesa por uma escola “como lugar da intelectualidade”. É aquela amiga que te ajuda para diminuir as diferenças entre trabalho manual e intelectual, que pensa a escola como necessária para jovens, adultos e idosos. É a visão de alguém que acredita no direito a um desenvolvimento equilibrado físico-emocional-mental. É a

¹ MACHADO, Maria Margarida. A educação de jovens e adultos após 20 vinte anos da Lei nº 9. 394, de 1996. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 10, n. 19, p. 443, jul./dez. 2016. Disponível em: <<http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/issue/view/29>>. Acesso em: 10 set. 2019.

ocupação da escola pela classe trabalhadora.

Navegando por essa cápsula, do passado para o presente, o meu *“pessimismo da inteligência”* ¹ não pode permitir a imobilização do meu *“otimismo da vontade”*¹. O presente é cruel, mas precisamos unir forças para os próximos anos e ajudar nossa amiga EJA.

Eu pergunto: As propostas da EJA estão em consonância com os sonhos dos educandos; pensa nos jovens da periferia expulsos do diurno, na diminuição do público de adultos e idosos na EJA? Pergunto a você se houve mudança no perfil dos profissionais que atuam nesta modalidade? Qual é a proposta dos estados e municípios em relação à EJA na ausência da ação federal, seja por meio da legislação, seja pelo financiamento? Cadê os outros sujeitos da EJA? O que esperamos da nossa amiga EJA para os próximos anos? Pense, meus caros, pense! Pois pensar, ainda lhe é permitido.

Vou embarcar na cápsula do tempo novamente, rumo ao futuro e ver como andaré minha amiga EJA. Siga-me.

- Gostei Marcela, vou seguir sim nessa viagem. Como estará a EJA no futuro?

- Mas essa é uma história para outro dia, Bruna. Vamos para casa.

As duas saíram rindo e conversando, agora sim, sobre outras trivialidades.

16. Cápsula do tempo – EJA amanhã

Marcela continuou com sua metáfora sobre a viagem no tempo acompanhando a EJA como uma forma de cativar Bruna para conhecer mais sobre o tema. Nessa aventura, ela chega no futuro.

Cheguei com a cápsula do tempo para encontrar a EJA do amanhã.

Falei para você: o meu “pessimismo da inteligência” não poderia limitar o meu “otimismo da vontade” de ver uma EJA melhor.

Chego aqui e vejo que há muito o que se fazer. De fato, a EJA conquistou importante avanço ao se constituir como modalidade, mesmo que descaracterizada da proposta inicial: ser parceira dos trabalhadores.

O desafio é transformar essa ideia em uma história de ação. Criar estratégias mobilizadoras, capazes de construir uma EJA como alternativa de educação formal para todos, sem o esvaziamento de conteúdo ou reforço das diferenças entre trabalho manual e intelectualidade.

EJA, querida amiga, sofrida, que passou por tantos desafios durante todos esses anos, você será enaltecida.

Você é a fonte dos pensamentos dos trabalhadores e dos filhos dos trabalhadores que verão em ti a oportunidade de ter acesso a uma educação de qualidade e emancipadora, que não cria seus filhos para ser mão de obra barata, mas para serem pessoas pensantes, humanas e respeitadas.

Essa história não termina assim. Uma nova EJA vem surgindo por meio de um novo olhar: PROEJA. PROEJA é um Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica, na Modalidade de Jovens e Adultos a partir dos 18 anos. É uma oportunidade para o desenvolvimento crítico, científico, com sensibilidade artística, com pragmatismo, com preparação profissional, mas principalmente com humanidade.

Partiu, PROEJA em ação, uma nova aventura.

- Nossa Marcela! Até que você conseguiu fazer eu prestar atenção. Essa história me fez compreender algumas coisas no processo de constituição da EJA. Essa história é muito bonita para parar por aqui. Você me convenceu. Quero continuar nessa

modalidade, mas agora pelo PROEJA. Vamos nos inscrever?

- Só se for agora! – respondeu Marcela.

17. Você escolhe sua vida?

A profissão de Joana era professora. Joana ingressou no curso de Magistério. Essa experiência oportunizou diferentes inserções sociais. Por meio dele, começou a participar de eventos culturais: canto, dança, declamação de poesia, estudo sobre a história do Rio Grande do Sul. Participou de vários concursos de canto, dança e poesia, inclusive um Festival de Música Estudantil, no qual foi premiada na categoria de “Música Popular”. Essa realmente foi uma experiência incrível para ela. Quanta felicidade! Havia alunos da escola, colegas, torcendo por ela, músicos renomados concorrendo também. O festival ocorreu na cidade vizinha. Naquela época, Joana tinha dezesseis anos e estava no segundo ano do curso. Hoje o troféu está empoeirado nas prateleiras da escola. Mas ele representa aventura, cultura, emoções. Tudo isso ocorreu no espaço escolar, demonstrando quantas oportunidades ele pode oferecer, principalmente quem tem dificuldade de acesso aos bens culturais.

O grupo cultural formou-se entre os muros da escola. Não tinham sede ou local para ensaiar sua arte. Tudo era improvisado em alguma sala de aula que estivesse sobrando. Então, Joana e sua turma realizaram muitas ações para angariar fundos e construir um espaço no pátio da escola: rifas, jantares, bailes, galletos, etc. Conseguiram. Ergueram o galpão que passou a ser a sede para ensaios de dança, canto, música, poesia e bailes. A escola também utilizava o espaço para fazer outros eventos. Para Joana, o segundo grau⁹ foi uma experiência diferente por conta daquele espaço. Pois havia também inserções na comunidade com ações em asilos, orfanatos (atualmente, abrigos e casas de passagem), outras escolas e espaços culturais.

Ao longo do curso, igualmente ocorreram as primeiras experiências de namoro, conflitos e laços de convívio social com colegas, professores e família. Nesse momento o projeto de vida de Joana não era muito claro. A vida ia acontecendo. Nem pensava

⁹ De acordo com o artigo 35, incisos do I ao IV, a partir da LDB 9,394/1996, o Segundo Grau, no Brasil passou a denominar-se Ensino Médio. Essa é a última etapa Educação Básica. Sua finalidade é o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, bem como a formação do cidadão para etapas posteriores da vida como: o prosseguimento de estudos; a preparação básica para o trabalho e a cidadania, continuidade da aprendizagem, capacidade de adaptação às novas condições de mercado; aprimoramento como pessoa humana, em sua formação ética e autonomia intelectual e do pensamento crítico; a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina (BRASIL, 1996).

como ia ser depois da escola. O contexto familiar era humilde. Quinta filha de pai operário e mãe do lar. O pai tinha concluído a oitava série e a mãe fez até a quinta série. A grande realização da família era que todos os filhos concluíssem o segundo grau (Ensino Médio). Essa era a batalha de sua mãe. Faculdade era uma utopia.

A essa altura, com apenas dezessete anos, mantinha um namoro desde os quinze anos. O plano? Casar após a formatura. A cultura do casamento era forte. Será que isso mudou atualmente? Ainda há meninas muito jovens “casando” e tendo filhos. Será que isso realmente é uma escolha ou culturalmente você vai sendo levado a tomar determinadas decisões na sua vida? Depois a vida olha para você lá adiante e te diz na cara: “Não gostou? Ué? Foi você quem escolheu”.

Joana começou a pensar sobre isso e a duvidar que tudo não passava de simples escolhas. Está na moda dizer: “são escolhas individuais”.

O contato com outros colegas no Ensino Médio fez despertar em Joana o interesse para fazer faculdade. A escola foi ampliando sua visão de mundo. Aos poucos ela começou a pensar que sua vida poderia ser mais que casar e ter filhos.

A Universidade Federal estava fora de questão. Muito longe de casa para os parâmetros de sua mãe. Ela queria fazer História, pois amava fatos históricos desde muito pequena. Mas a faculdade era longe e nem sabia sair da cidade. Ia precisar pegar um trem, dois ônibus, logo, umas duas horas de viagem só de ida. Além disso, o curso ocorria em turnos diversos, o que a impediria de trabalhar. Também nem sabia muito bem o que era preciso fazer para se inscrever no vestibular, o que estudar... Era um universo muito distante de sua realidade.

Estando com dezoito anos, ela não poderia permanecer somente estudando. Já foi privilegiada em poder ficar até aquele momento sem trabalhar. Os irmãos completavam quatorze anos e imediatamente iam para o trabalho. Boa parte dos seus conhecidos também já assumiam a responsabilidade do trabalho ou o compromisso de cuidar da casa e dos irmãos menores.

Depois, como sustentaria o transporte, os materiais, a alimentação? Ademais, havia a prova de seleção. A insegurança não permitiu nem que tentasse fazer a prova. Isso, pensava ela, “não era para mim”. Não havia passado na seleção da escola técnica de sua cidade, jamais passaria no vestibular. Tinha muitas dificuldades na área das

exatas.

Chegou a formatura do Magistério. Completou dezoito anos e começou a trabalhar em uma creche. Não tinha a carteira assinada e recebia meio salário mínimo por mês para trabalhar do meio dia até às dezoito horas. Saía correndo para estar às dezenove horas fazendo as três disciplinas na faculdade. Tinha cinquenta por cento de bolsa e o resto fez financiamento. Seu primeiro emprego tornou-se uma exploração, não tinha carteira assinada e recebia menos que um salário mínimo.

Fez também curso no SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) de recursos humanos e conseguiu uma indicação para assistente de RH na empresa metalúrgica onde seu pai trabalhava. Assim que era para ser, filho de operário ir trabalhar na fábrica. Esse era o caminho lógico. Até aí, nenhum problema. Todo trabalho é digno. A questão mais profunda se dava ao fato de não haver escolha ou da dificuldade em traçar outro caminho.

O emprego não era de carteira assinada, não. Era por meio de uma cooperativa, que mais parecia uma fachada para burlar as leis trabalhistas. Porém, o salário era melhor do que o da creche.

Casou cedo, aos 21 anos de idade. O casamento, o qual pensou ser sua independência, foi na verdade uma prisão. A vida da mulher em nossa sociedade é muito complicada. Não se ensinava as meninas a identificar relacionamentos abusivos. Joana, em novo conflito em sua vida, perguntava-se: foi escolha? Entre o caos e o desespero não havia tempo para pensar a respeito da sociedade em que vivemos. Por isso não entendia o que estava acontecendo com sua vida. Culpava-se. Simplesmente vivia e via no que ia dar. Isso é escolha?

A consequência em não refletir sobre a vida, sobre as relações entre as pessoas, sobre o que é ser família, sobre a educação recebida, sobre a sociedade é o resultado em não se ter condições para fazer escolhas. A consequência: desventuras, brigas, divórcio, tropeços, obstáculos. A vida igual a outras milhares de vidas, de tantas pessoas que estão na mesma condição.

A experiência no universo de mulher, mulher pobre, mulher pobre da região periférica da capital, longe do acesso aos diferentes bens culturais das grandes cidades, criou muitas barreiras na formação integral, enquanto ser humano. Quando fez

25 anos engravidou. Esse era o seu segundo casamento. Foi morar em outra cidade com o pai de sua filha. Ele não aguentou a pressão, até porque, além de tudo, a criança nasceu com problemas de saúde e ficou na UTI. A faculdade mais uma vez ficou para depois. Assim é a trajetória de várias Joanas: começando, parando, voltando.

Os anos se passaram e depois de oito anos, Joana finalmente terminou a graduação. Sua juventude encerra-se aos vinte e nove anos, com dois relacionamentos malsucedidos, com uma filha nos braços, mas conquistou o diploma, sendo a primeira pessoa da família, em gerações, com a faculdade concluída e concursada como professora, rompendo com um ciclo de não escolarização e abandono dos estudos.

Mas sua batalha não parou. Segue lutando por uma educação integral, de qualidade e gratuita para todos. Voltou para casa dos seus pais. Depois de tudo que viveu. Toda vez que penso na história de Joana, pergunto: Foram escolhas ou era a vida que podia ter, dada sua realidade? Realmente se consegue fazer escolhas, quando não se tem oportunidades, condições e orientação? Você escolhe sua vida realmente?

18. Volta

- E aí, amigo? Como vai?
- Beleza? Quanto tempo!
- Desde a formatura.
- O que está fazendo?
- Estudando.
- Sério? Que tri! Estudando o quê?
- Estou fazendo administração, PROEJA, no Instituto Federal. E você?
- Parei.
- Bah! Que pena. Está trabalhando?
- Estava trabalhando na obra. Mas agora tô sem serviço.
- Está difícil, não é?
- Muito.
- Mas está ganhando seguro desemprego?
- Não. Não era de carteira assinada.
- Ah... Por que não volta a estudar?
- Ih! Estudo não é para mim, não.
- Estudo é para todo mundo, parceiro.
- Minha família não tem estudo e sempre se ajeitaram.
- Pode ser, mas o mundo do trabalho está mudando muito. E depois, estudar ajuda a gente para muita coisa, para o trabalho, mas também para tudo mais da vida.
- Como assim?
- Ah, desde que comecei a estudar, meu mundo ampliou. Até no meu relacionamento em casa, para conversar, para ver a vida de uma forma diferente, para ajudar meus filhos e incentivá-los a conhecer sempre mais, a questionar e descobrir novas formas para resolver os problemas. A gente cresce e a família cresce com a gente, sabe.
- Nossa! Você está mudado mesmo. Está até falando de um jeito diferente.
- Além disso, consegui um emprego melhor com a ajuda do curso que estou fazendo. Abriam-se novas portas para mim. Quanto mais a gente estuda, ainda mais

em uma escola de qualidade, mais qualificado você se torna. Lá você não aprende só a executar uma tarefa, lá você aprende a pensar.

- Será que eu consigo estudar nessa escola?

- Consegue sim. Olha só, todo semestre tem seleção. Quando abrir, vou te avisar. Lá você se inscreve pessoalmente na escola, faz uma redação, entrevista e depois sai o resultado. Vale a pena! Só não pode perder o prazo. Lá, perdeu o dia, perdeu a vez. Só no próximo semestre.

- Bah, valeu amigo! Valeu a dica. A gente acha que sempre dá um jeito, quer se ver logo livre da escola, acha que não precisa. Mas eu vou voltar.

- Eu te entendo. O mercado faz uma pressão para a gente começar a trabalhar logo. Mas não dá para ser assim. É preciso se planejar, se preparar, estudar, ter uma boa formação. Quanto menos se estuda, mais vulnerável ao mercado de trabalho. Quando surge uma crise, as pessoas com baixa escolaridade são fortemente atingidas. Claro que qualquer cidadão, mesmo com estudo, pode sofrer as consequências de uma crise, mas sem uma boa formação a dificuldade é maior.

- Você está sabendo das coisas, amigo. Vou seguir o teu conselho. Vou anotar lá no calendário de casa para não esquecer o dia da inscrição.

- A gente se encontra na escola.

- Opa! Vamos sim.



VOU PARA O ENSINO MÉDIO E AGORA?

**100 PERGUNTAS PARA REFLETIR E ORIENTAR
A CONTINUIDADE DA TRAJETÓRIA ESCOLAR**

Angela Maria Queiroz

Andréia Modrzejewski Zucolotto

Autoras

Prof.^a Angela Maria Queiroz

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4768813899733387>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1827-075X>

E-mail: angeladeletras@gmail.com

Prof. Dr.^a Andréia Modrzejewski Zucolotto

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7037993972765394>

E-mail: andrea.zucolotto@poa.ifrs.edu.br

Ilustração da capa

Júlia Queiroz Paludo



Descrição Técnica do Produto

Nível de Ensino a que se destina o produto:

Ensino Fundamental/ Educação Básica

Área do Conhecimento: Ensino

Público Alvo: Estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental

Categoria deste produto: material textual

Finalidade:

Estratégias para orientar estudantes, concluintes do Ensino Fundamental, para a continuidade da trajetória escolar no Ensino Médio, na perspectiva da Educação Profissional e Tecnológica, inclusive na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA).

Organização do Produto:

Este livro-caixinha de perguntas integra a proposta de ensino denominada Maleta Pedagógica. A Maleta Pedagógica é composta por: material textual (livro com textos do gênero conto contendo dezoito histórias, livro-caixinha contendo cem perguntas) e audiovisual (seis vídeos educativos) desenvolvidos para reflexão e orientação no ingresso ao Ensino Médio Integrado à Educação Profissional e Tecnológica.

Registro do Produto:

Disponibilidade:

Irrestrita, mantendo-se o respeito a autoria do produto, não sendo permitido uso comercial por terceiros.

Divulgação:

Por meio digital.

Idioma: Português

Cidade: Porto Alegre | **País:** Brasil

Ano: 2020

Origem do Produto:

Desenvolvido no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Rio Grande do Sul - Campus Porto Alegre – ProfEPT – IFRS-POA.

APRESENTAÇÃO

A caixinha de perguntas, material integrante da Maleta Pedagógica é um recurso educacional que desenvolvi para debater a transição do Ensino Fundamental (EF) para o Ensino Médio Integrado (EMI) à EPT. A ideia da caixinha de perguntas é fomentar a reflexão, trazendo um pouco de informação e fazendo algumas provocações. Não se espera que o aluno tenha, necessariamente, as respostas, mas que comece a despertar o interesse sobre o assunto.

O Livro-caixinha de Perguntas segue o modelo de diversas caixinhas já existentes no mercado com diferentes temas, as quais são utilizadas em grupos familiares, nas escolas, entre grupos de amigos, enfim, em diferentes espaços formais, não-formais e informais. É um recurso que atrai bastante a atenção tanto de jovens, como os adultos, especialmente nas dinâmicas de grupos.

O material poderá ser impresso, recortado e armazenado em uma caixinha de papel. A caixa pode ser confeccionada pelo próprio educador. Sugere-se as seguintes medidas: 10 cm x 8 cm x 2,5 cm. Dentro dela há cem cartas apresentadas em formato retangular (ver modelo na imagem abaixo).



Foto: Livro-caixinha de perguntas. Arquivo pessoal.

Cada uma dessas cartas traz questões reflexivas. Conversar é um jeito prazeroso de falar sobre qualquer assunto. Essa caixinha pode auxiliar na sala de aula para “puxar a conversa” sobre educação, trabalho, trajetória escolar, transição do EM para o EF.

Este livro em forma de caixinha de perguntas traz questões que levam o jovem ou adulto a pensar sobre esses temas, contribuindo com sua jornada e funcionando como apoio nessa fase de transição. Ajuda-o a refletir com base em dados estatísticos, fundamentação teórica e contexto social.

O educador ou o próprio estudante pode pegar uma carta e começar a “bater o papo”. Os temas são reveladores e com certeza irão fazer todos pensarem. Além de ser um material atrativo, corrobora com a fundamentação teórica de Paulo Freire

em sua obra em parceria com Antonio Faundez, *Por uma pedagogia da pergunta*: “Eu insistiria em que a origem do conhecimento está na pergunta, ou nas perguntas, ou no ato mesmo de perguntar; eu me atreveria a dizer que a primeira linguagem foi uma pergunta, a primeira palavra foi a um só tempo pergunta e resposta, num ato simultâneo” (FREIRE, 1985, p. 26).

Em *Pedagogia da Autonomia*, Freire também ressalta a importância do diálogo no processo de formação humana, principalmente no capítulo: *Ensinar exige disponibilidade para o diálogo* (FREIRE, 1996, p. 50). O Livro-caixinha de perguntas, *Vou para o Ensino Médio. E agora?* é uma ferramenta para fomentar e guiar esse diálogo na proposta da trajetória escolar e mundo do trabalho. É um momento de escuta e de mediação.

Essa escuta, esse diálogo, não é apenas para externar um desejo, um sonho, medos e anseios. Também é um momento de tomada de decisão. No capítulo, *Ensinar exige tomada consciente de decisões* (FREIRE, 1996. p. 42), educador e educando precisam se reconhecer enquanto ser histórico, com capacidade para a mudança e transformação: “Inacabado, histórico, necessariamente o ser humano se faria um ser ético, um ser de opção, de decisão” (FREIRE, 1996. p. 42).

As perguntas foram formuladas a partir da pesquisa “Construindo pontes entre Educação Profissional e Tecnológica e o mundo do trabalho para alunos concluintes do Ensino Fundamental”. Os resultados dos questionários sobre o contexto profissional e educacional tanto da família, quanto do próprio estudante, as informações dos editais e sites institucionais das redes que ofertam EMI à EPT, as problematizações e conceitos sobre juventudes, trazidos por Dayrell (2007), os dados estatísticos dos institutos IBGE (2018), IPEA (2017), OCDE (2019), as concepções sobre educação e trabalho de Frigotto (2010), Moura (2010), Ramos (2010) resultaram nas cem perguntas formuladas para estimular a reflexão desse tema, na construção de estratégias para conhecimento e acesso ao EM.

Este material é fruto da pesquisa do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT. O percurso da investigação contribuiu para a construção da Maleta Pedagógica, contendo o livro de contos, o livro-caixinha de perguntas e vídeos educativos. Sugere-se o trabalho com esses materiais de forma conjunta e mediada por educadores.

Sua aplicação é de uso livre nos espaços escolares, e pode ser adotado em rodas de conversa, círculo de cultura, debates, mediado por educadores. O livro-caixinha de perguntas é constituído pelas perguntas apresentadas a seguir.

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) divulgou em dezembro de 2018 que 23% dos jovens brasileiros entre 15 e 24 anos não trabalham nem estudam (IPEA, 2018). O termo ficou conhecido como jovens "nem-nem". Na sua opinião, por que temos essa realidade? Você procurou saber se existem e quais são as políticas públicas de incentivo à educação e ao trabalho?

Na sua opinião é importante a escola dialogar sobre a travessia do Ensino Fundamental para o Ensino Médio? O que você sabe sobre esse assunto? Quais são as suas dúvidas?

Os jovens têm espaço para pensar sobre o impacto da educação em suas vidas como cidadãos? Quais são os momentos em que você para e discute esses temas e com quem?

Você ou alguém que você conheça (amigo ou familiar) interrompeu os estudos antes de concluir o Ensino Médio? Sabe por qual motivo essa pessoa parou de estudar? Qual o impacto dessa interrupção da trajetória escolar na vida? Você considera importante conhecer e debater sobre essas histórias? Por quê?

Você sabe o valor de um salário mínimo? Conhece o custo para manter moradia, alimentação, vestuário, saúde, educação, lazer e cultura? Um salário mínimo dá conta dessas necessidades básicas? Como seria possível criar condições de melhorar os salários dignos de que se precisa para viver?

Algumas pessoas defendem a ideia de que a educação não é tão importante assim, pois têm familiares sem estudo e se "deram bem na vida"? Mas o que é "se dar bem na vida"? Somente questões de salário e emprego têm importância? Por que algumas pessoas não veem importância em outras questões mais subjetivas, como: direitos dos trabalhadores, acesso à cultura e educação formal, por exemplo?

Você já ouviu falar sobre trabalho informal? O que acontece com um trabalhador informal que fica doente ou tem um familiar adoecido, ou mesmo uma situação externa (economia do país ou do mundo, pandemias) impedindo-o de trabalhar? O que acontece com um trabalhador que sofre um acidente ou fica doente por causa do trabalho?

Por que é importante saber quais são os direitos do trabalhador e defender instituições com trabalho formal (carteira assinada)? Você sabia que no trabalho formal o trabalhador tem direito à licença saúde, seguro desemprego, Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), licença por acidente de trabalho, por exemplo?

Você sabe o que são políticas públicas e quais existem para que pessoas de baixa renda possam continuar estudando? Sabe onde buscar informação sobre esse assunto? Sabe se há oportunidades na sua região?

Como estudante concluinte do Ensino Fundamental, você sabe qual a importância da continuação escolar para sua formação? Você sabe que jovens com curso técnico (educação profissional) têm oportunidade de acessar o mundo do trabalho mais preparado?

Você conhece os cursos do tipo técnico de Ensino Médio Integrado à Educação Profissional na modalidade para jovens e adultos (PROEJA) a partir dos 18 anos? Sabe qual escola oferece esse curso na região? Qual a diferença existente na oferta da modalidade EJA de EM?

Por que os jovens, e às vezes até mesmos os adultos, quando questionados sobre seus planos após conclusão do Ensino Fundamental, não conseguem expressar claramente opções de escolha para o Ensino Médio, curso técnico (educação profissional) ou outras escolas e cursos?

Você já começou a pesquisar as escolas com ensino médio na sua cidade? Pesquisou quais os cursos oferecem? Como é a forma de ingresso? Quando pretende se organizar para saber mais informações do ensino médio?

Você pretende pensar no Ensino Médio somente quando terminar o nono ano (ou a última etapa da EJA, se for o caso)? Será que vai dar tempo de cumprir os prazos se você deixar para pensar nisso somente lá na época da conclusão do Ensino Fundamental?

Você já parou para pensar em como está organizada a educação do Brasil? Essa é a sua trajetória escolar, você a conhece bem? Sabe o que representa concluir cada nível de ensino?

Para ter acesso ao ensino técnico (educação profissional) na escola pública é preciso passar por sorteio ou prova de seleção. Muitos alunos não conseguem sequer fazer a inscrição para concorrer a uma vaga. Quais são as causas ou hipóteses para isso acontecer? Você saberia como inscrever-se para um curso técnico?

Há casos de candidatos que conseguem se inscrever para concorrer a uma vaga no curso técnico gratuito, mas não comparecem ao dia do sorteio ou prova (etapa obrigatória de ser cumprida), ou têm dificuldades em seguir as orientações do edital. Uma das orientações é estar com a carteira de identidade em mãos no dia da prova. Você está com a sua documentação em dia?

Como uma pessoa deve se organizar, e quanto tempo antes, para que ela não perca a vaga, por não seguir as orientações do edital do processo seletivo para o Ensino Médio integrado a Educação Profissional?

Você já leu um edital do processo seletivo/vestibular para curso técnico (educação profissional)? O que você acha sobre iniciar a pesquisar e estudar os editais dos anos anteriores? Saber o que solicitam? O que é necessário para a preparação? Quais são os documentos exigidos?

Caso você ou uma pessoa que você conheça (pode ser um colega) não tenha os documentos necessários para a inscrição, você sabe como fazer os documentos, por exemplo, de identidade? Quanto tempo leva para ficar pronto? O que é preciso ter para solicitar o documento?

Quais são os cursos disponíveis para Ensino Médio Integrado, os turnos em que ocorrem, as escolas que ofertam? O tempo de duração de cada curso? Onde posso encontrar essas informações?

É comum no dia a dia, quando as pessoas são questionadas se a educação é importante, elas afirmarem que sim. Porém, percebemos em alguns jovens e adultos desmotivação em relação ao estudo. Muitos têm múltiplas reprovações ou até mesmo desistem. Alguns nem chegam a fazer o Ensino Médio. Por que será que isso acontece? Vamos pensar?

De fato, a escolarização sozinha não muda uma sociedade, mas ela é um passo importante para o desenvolvimento das pessoas de forma individual e coletiva. Porém, muitos jovens precisam ou são condicionados a entrar rápido para o mercado de trabalho, mesmo que não tenham concluído o Ensino Médio. Essa realidade precisa ser mudada? O que poderia ser feito para mudá-la?

Você já ouviu alguém dizer ou você mesmo já falou que não teria chance em estudar em determinada escola? O que leva a pessoa pensar assim? Por exemplo, o que impede alguém a tentar estudar nos Institutos Federais como IFSul, IFRS ou outras instituições de ensino da sua cidade e região?

Como orientar as pessoas a buscar a informação correta para acesso aos cursos técnicos (Educação Profissional e Tecnológica), inclusive na modalidade Educação de Jovens e Adultos (PROEJA)?

O Ensino Médio integrado ao curso técnico ofertado nos Institutos Federais desenvolve atividades para pesquisa científica, com formação técnica especializada e o conhecimento geral. Você sabe o que isso significa ou representa para a sua formação ou de outros jovens e adultos?

Será que as informações sobre Ensino Médio Integrado não são divulgadas ou você tem acompanhado redes sociais e mídias que não dão espaço para assuntos educativos? O que você e sua família podem fazer para acompanhar espaços que divulgam informações sobre educação? Em que sites encontrar essas informações?

O Ensino Médio Integrado é um ensino completo porque envolve disciplinas de conhecimento geral e mais as disciplinas técnicas para determinada profissão. O que um aluno perde ao priorizar conteúdos técnicos e não valorizar outras áreas do conhecimento, como: artes, filosofia, sociologia, história, entre outras disciplinas?

O Ensino Médio Integrado qualifica o trabalhador. Valoriza não só sua capacidade de força, como também intelectual, oportunizando espaço para o pensamento sobre o trabalho, não limitando a execução de tarefas (RAMOS, 2010). Você abriria mão de pensar para tornar-se repetidor de tarefas? Consegue compreender a importância desse tipo de educação?

Um dos objetivos dos Institutos Federais é contribuir na formação de um trabalhador que pensa e compreende as relações de trabalho e seu compromisso social e com o planeta. Você acha que as pessoas são condicionadas a não usar o seu pensamento? Essa educação é uma boa opção para jovens e adultos?

Antigamente, a educação para populares não era a mesma oferecida à classe rica. As famílias mais humildes não tinham necessidade de muitos anos de estudo e logo eram encaminhados para trabalhos de menor complexidade, braçal e/ou para a execução de tarefas repetidas e com baixos salários. Hoje, ainda existe essa mentalidade e movimentos que defendem esse tipo de educação. Você concorda com essa diferença educacional?

É justa a diferença de educação entre pobres e ricos? Já parou para pensar quanto tempo de estudo têm as pessoas em seu entorno? O que poderia ser feito para aumentar o número de anos de estudo das camadas populares?

Muitos dos jovens não encontram as condições financeiras necessárias para esperar para entrar no mundo do trabalho após os 18 anos. Por isso, cursar o Ensino Médio para depois fazer um curso técnico não é viável. Na sua opinião o Ensino Médio Integrado é uma alternativa? Se concorda, onde procurar e como se preparar para fazer esse curso?

De forma geral, reconhece-se a importância da continuidade escolar e do planejamento dessa trajetória. Como estimular jovens e adultos a planejar sua trajetória educacional?

Os Institutos Federais dispõem de organizações culturais por meio das quais os estudantes podem participar. Isso propicia um clima estimulante imprescindível à continuidade do desenvolvimento cultural e da atividade intelectual dos futuros trabalhadores. Você considera importante desenvolver o trabalho intelectual e o trabalho material - executado pelos operários, por exemplo?

Digamos que hoje seja o dia do “checklist” para sua inscrição no ensino médio e esses fossem os documentos solicitados. Diga se você está “ok” com os seguintes itens:

- ✓ Documento de identidade (RG)
- ✓ Comprovante de endereço (nome da rua, número da casa, bairro, UF, cidade, CEP)
- ✓ (Exemplos de comprovante de endereço: água, luz e telefone.) Endereço de e-mail
- ✓ Número do CPF (Cadastro de Pessoa Física)
- ✓ Número do CPF e RG do responsável (menor de 18 anos)
- ✓ Código da cota (caso você se inscreva por cota)
- ✓ Curso escolhido.
- ✓ Escola escolhida para fazer inscrição.
- ✓ Meios para acesso à internet.
- ✓ Meios para imprimir o comprovante de inscrição ou para salvar documento.

Os processos seletivos que adotam provas, devem informar os conteúdos que serão cobrados. Exemplo: interpretação de texto, equações, etc. Onde está a informação sobre os conteúdos que cairão nas provas dos processos seletivos que adotam esse sistema de seleção?

Onde posso encontrar apoio para estudar para as provas dos processos seletivos?

Quais são as suas dificuldades hoje na organização para buscar a matrícula no Ensino Médio Integrado à Educação Profissional Tecnológica?

Digamos que você se inscreveu para o processo seletivo e ele é por meio de prova. Como você irá se organizar para esse dia? Como descobrir as datas e os locais das provas? Pode citar um exemplo ou site que tenha essas informações?

Que conselho você daria para quem está concluindo o Ensino Fundamental, prestes a ingressar no Ensino Médio?

Você entende que a escola não pode mudar sua realidade de vida, mas pode contribuir para sua melhora?

Se você perguntasse para um colega o que ele pretende fazer depois de concluir o Ensino Fundamental e ele dissesse “não sei”, você iria incentivar ele a pensar sobre o assunto? Você ajudaria um colega a pesquisar sobre escolas de Ensino Médio da região, seus cursos e sua forma de ingresso?

Você conversa sobre seu futuro escolar com sua família? Eles conseguem te ajudar para escolher uma escola de Ensino Médio? Eles têm informações sobre essas escolas?

Você conhece a trajetória profissional e escolar das pessoas da sua família? Quando você chegar em casa hoje, puxaria esse tipo de assunto com eles? Por que conhecer a história de vida da família pode ser importante na nossa formação e na compreensão da sociedade em que vivemos?

Vamos fazer um jogo de troca de papéis. Se você fosse o responsável por um jovem, você gostaria que ele continuasse estudando após a conclusão do Ensino Fundamental? Você desejaria que ele fosse para uma escola que ofertasse Ensino Médio integrado à Educação Profissional e Tecnológica? Por quê? O que você faria para ajudá-lo a matricular-se no Ensino Médio?

Você sabia que os Institutos Federais (IFSUL, IFRS, etc.) disponibilizam auxílio moradia, auxílio transporte e auxílio alimentação para que os alunos com vulnerabilidade permaneçam estudando?

Você sabia que os Institutos Federais (IFSUL, por exemplo) disponibilizam outros auxílios, como: ajuda de custo para participação de eventos científicos, auxílio emergencial e material escolar, de acordo com a necessidade?

Você sabia que os Institutos Federais (IFSUL, por exemplo) disponibilizam acompanhamento biopsicossocial-pedagógico, uma ação de incentivo à melhoria do desempenho acadêmico, que prevê o atendimento ao estudante pela equipe interdisciplinar (assistente social, pedagogo, psicólogo, nutricionista)?

O IFSul, por exemplo, conta com uma política de Assistência Estudantil, que busca contribuir com o acesso, a permanência e o êxito dos estudantes de baixa renda, através da implementação de ações assistenciais. Essas ações buscam a melhoria do desempenho acadêmico e da qualidade de vida. Alguma vez alguém lhe informou sobre essas políticas públicas existentes nos Institutos Federais?

O IFRS possui Benefício da Assistência Estudantil (BAE). O BAE é um programa institucional, baseado em uma política pública federal de assistência estudantil, cujo objetivo é auxiliar economicamente os estudantes, por meio de um benefício financeiro mensal. Na sua opinião, esse tipo de auxílio financeiro ajuda jovens e adultos a permanecer e ter sucesso escolar?

A Coordenadoria de Assistência Estudantil (CAE-IFRS) é o setor de referência para o atendimento de estudantes. Realizam atendimentos visando a ajudar nas dificuldades que estejam prejudicando o estudo e a aprendizagem. Atuam em temas como: hábitos de estudo, atendimento relacionado a questões emocionais, atendimento e acompanhamento social, entre outros. Saber que existe um setor específico para atender o estudante dessa forma, incentiva você a querer

Os Institutos Federais (IFRS, IFSUL, ou outra política pública implementada) contam com a Assistência Estudantil. Trata-se de um setor que busca viabilizar a igualdade de oportunidades e contribuir para a melhoria do desempenho acadêmico, por meio de ações pedagógicas, psicológicas e sociais. Conhecendo a história de vida de milhares de jovens e adultos no Brasil, se todos eles tivessem acesso a esses serviços, na sua opinião, teríamos mais pessoas com o Ensino Médio completo?

Você sabia que, em Sapucaia do Sul, 47% da população não tem Ensino Fundamental completo (IBGE, 2010)? Você considera que isso pode ser um dos fatores que dificultam as famílias na orientação de jovens e adultos a respeito de como ingressar no Ensino Médio, uma vez que muitas pessoas não cursaram essa etapa?

Você sabia que apenas 27% da população da cidade de Sapucaia do Sul (RS) tem Ensino Médio completo (IBGE, 2010)? Você conhece o índice de escolaridade de sua cidade? Na sua opinião, qual a hipótese para a cidade ter índices tão baixos de escolarização?

No Brasil, 52% das pessoas entre 25 e 64 anos, não concluíram o Ensino Médio (OCDE, 2018). Você considera importante debater sobre esse tema na escola? Se essa temática fizesse parte das rodas de conversas entre jovens e adultos, amigos e familiares, haveria maior planejamento e preparação para a continuidade dos estudos?

No Brasil, apenas 54% dos jovens conseguem concluir o Ensino Médio com 19 anos (CALLEGARI, 2018). O que essa informação pode contribuir na reflexão sobre Ensino Médio?

A Educação Básica (Educação Infantil + Ensino Fundamental + Ensino Médio) tem a função de contribuir para a formação humana. Logo, o que acarreta às pessoas não ter essa formação básica? Quais seriam as consequências da não escolarização completa da Educação Básica?

PROEJA é a Educação Profissional integrada ao Ensino Médio na Modalidade EJA. Ela existe para atender a jovens e adultos que não tiveram acesso à escolarização ou estão em atraso escolar pelas desigualdades sociais existentes no país. Você sabe se na região em que mora há oferta de PROEJA? Quais os cursos ofertados, duração e forma de ingresso? Se não tem essas informações, sabe onde buscá-las?

Você acredita que toda juventude é igual ou há diferentes juventudes? Essas diferenças podem interferir na escolaridade?

Na sua opinião, conhecer histórias de vida contribui na reflexão sobre sua própria vida? Quais recursos você pode buscar para conhecer histórias de vida, principalmente sobre educação?

Filmes, músicas, poemas, desenhos, livros, depoimentos podem fazer você pensar sobre os temas educação e trabalho. Você lembra de algo que você tenha visto e/ou escutado sobre a educação que fez você pensar? Conte sobre essa lembrança.

Perguntas estimulam o pensamento. Para fazer uma pergunta, você precisa pensar sobre o assunto que deseja perguntar. Formule uma pergunta, uma dúvida que você tenha sobre o Ensino Médio e fale para o grupo.

Você acredita que pode fazer escolhas? É possível tomar uma decisão, quando desconhece as opções? Você pode escolher onde irá fazer o Ensino Médio? Quais alternativas (políticas públicas) conheces que podem lhe apoiar na conclusão do Ensino Médio?

A tecnologia vem ganhando cada vez mais espaço no mundo atual e é um importante meio de circulação da informação. Você se considera uma pessoa tecnológica? Além das redes sociais, qual uso você faz das tecnologias? Você sabe por que a tecnologia é fundamental no processo de ingresso para o Ensino Médio?

Uma das definições da palavra autonomia é “liberdade moral ou intelectual do indivíduo; independência pessoal; direito de tomar decisões livremente”. Você se considera uma pessoa autônoma? Tem condições de tomar a decisão sobre o Ensino Médio ou precisa de apoio para realizar as etapas necessárias desse processo? Que tipo de apoio você precisa?

Como as pessoas podem ampliar seu conhecimento de mundo? De que maneira as pessoas podem buscar informações? Até quando podemos esperar por ajuda e quando é o momento de agir, tomar a iniciativa?

Em um país de desigualdades, algumas pessoas enfrentam mais obstáculos do que outras para concluir o Ensino Médio? Há pessoas que não se dão conta dessas diferenças e consideram-se culpadas pela situação em que se encontram. Conhecer as políticas públicas existentes e ter acesso a elas podem ajudar na permanência e êxito nos cursos oferecidos?

As pessoas podem dar conselhos, orientar, informar, mas há uma etapa em que você, enquanto estudante, precisa assumir responsabilidades. O que compete ao aluno para buscar a matrícula no Ensino Médio?

Você está concluindo o Ensino Fundamental. A próxima etapa é o Ensino Médio. O que você está fazendo para dar continuidade nessa passagem? Já pensou em organizar uma lista do que você precisa fazer? O que você escreveria nesta lista?

Se hoje fosse o último dia do Ensino Fundamental, você estaria estudando onde? Fazendo qual curso? Você estaria estudando?

Em quem você se espelha para projetar seu futuro educacional e profissional?

Você consegue conectar a educação formal com a escolha profissional? Sabe da importância da escolaridade para alcançar emprego, com melhores salários e melhores condições de trabalho? Entende a escolaridade como fator que eleva a autonomia do estudante nos diferentes espaços sociais?

Atualmente, projetar o futuro é incomum. Você considera importante fazer um planejamento sobre sua trajetória educacional? Você costuma fazer planejamentos, dos estudos, dia de prova, eventos escolares e de família? Como você planeja (ainda mais nesse período de pandemia e/ou pós pandemia)?

Na sua opinião, o que leva as pessoas a abandonarem os estudos? Você considera que a não continuidade dos estudos prejudica no desenvolvimento de jovens e adultos? Quais seriam os prejuízos do abandono escolar? É possível um jovem se dar conta desses prejuízos?

Na sua opinião, por que boa parte dos alunos desconhecem as escolas de ensino médio da sua região, principalmente aquelas que ofertam Ensino Médio Integrado à Educação Profissional e Tecnológica?

Quando estudantes do ensino fundamental são perguntados a respeito de cursos, normalmente citam cursos universitários (faculdade). Mas entre o Ensino Fundamental e a faculdade, há o Ensino Médio. É importante ter sonhos futuros, mas não deveríamos nos preocupar antes com o ensino médio ou um Ensino Médio Integrado à Educação Profissional? Qual sua opinião?

Muitos jovens precisam ajudar financeiramente em casa. Como esses jovens podem conciliar estudo e trabalho, para não interromperem a escola?

Há escolas com Ensino Médio Integrado à EPT em outras cidades. Você estudaria em outra cidade? Haveria obstáculos para isso? Quais? Como você poderia vencer esses obstáculos?

Há questões que não podemos escolher. Entretanto, outras podemos optar. Estudar exige esforço, concentração, organização, deixar muitas vezes de fazer coisas prazerosas (como ficar muito tempo no celular ou jogos, por exemplo). Você procura escolher o que pode contribuir para sua educação? Cite algumas decisões educativas e/ou não educativas que você já tomou. Hoje você faria essas mesmas escolhas?

Ensino Médio Integrado à Educação Profissional e Tecnológica (EPT) permite a formação do estudante em Ensino Médio e técnico profissional simultaneamente. Esse conceito de Educação Profissional é mais amplo que formação técnica. A EPT entrelaça cultura, trabalho, ciência e tecnologia em favor da sociedade. Saber o conceito de Educação Profissional e Tecnológica ajuda você a pensar no Ensino Médio Integrado como uma

Algo tem atrapalhado o seu percurso escolar? (Por exemplo: namoro, gravidez na adolescência, violência doméstica, problemas financeiros, depressão, desânimo, falta de incentivo, etc.) Você já conversou com alguém sobre esses problemas?

Muitas pessoas começaram a trabalhar antes dos 14 anos. Você considera que o trabalho na infância e na adolescência atrapalham no processo escolar?

O fato de muitos adultos não terem tido as condições para estudar, porque tiveram que sustentar a família, por exemplo, pode ser um dos motivos das famílias não conversarem sobre projeto escolar em casa com seus filhos, netos e tutelados?

Em uma pesquisa realizada em escolas, apontou que grande parte dos estudantes não gostariam de exercer a profissão dos pais. Foram listadas profissões como agricultor, auxiliar de obras, auxiliar de limpeza, entre outras. Por que os estudantes não querem seguir essas profissões? Você conhece profissionais dessas áreas de atuação que se consideram felizes com seus trabalhos e direitos?

Em uma pesquisa realizada em escolas, apontou que grande parte dos estudantes não gostariam de exercer a profissão dos pais. Foram listadas profissões como agricultor, auxiliar de obras, auxiliar de limpeza, entre outras. Por que os estudantes não querem seguir essas profissões? Você conhece profissionais dessas áreas de atuação que se consideram felizes com seus trabalhos e direitos?

Em uma pesquisa realizada em escolas, 52,4% dos alunos que estão concluindo o ensino fundamental, não estão preocupados em relação à escolha profissional. Um jovem de 14 anos, de fato, não precisa definir sua vida profissional hoje. Entretanto, não ter nenhuma projeção, pode deixar uma sensação de “deixe a vida me levar”. Você concorda que não é preciso ter esse tipo de preocupação?

Em uma pesquisa realizada em escolas, os estudantes consideraram a opção “ter um bom salário” como um dos aspectos mais importantes na escolha de uma profissão (22%). De acordo com o IBGE (2017), quanto menor escolaridade dos jovens e adultos, os índices de desocupação aumentam e o salário diminui. Por que, mesmo assim, tantas pessoas não têm ou não se entusiasmam por buscar o Ensino Médio completo?

Mundo do trabalho envolve a execução do trabalho em si e os processos produtivos e sociais próprios da realização de um trabalho, os quais são diferentes, conforme o local ou a época. A história do trabalho está ligada à da sociedade, pois é ele que nos proporciona os meios de sobrevivência e produtividade criativa, fazendo do indivíduo um ser que participa, pensa e decide. Você já pensou assim, de forma ampla, sobre o mundo do trabalho e tudo que perpassa

Nas experiências no mundo do trabalho, muitos jovens e adultos não tiveram a opção de escolha, o trabalho torna-se uma obrigação necessária. Você tem a consciência de que as oportunidades de trabalho não são iguais para todos? Como enfrentar essas desigualdades e ter a oportunidade de escolha na sua opinião?

Muitos jovens têm a necessidade e o desejo de trabalhar, para suprir questões mínimas de consumo e lazer. Atualmente, alguns reconhecem que a falta de um diploma diminuiu suas possibilidades de emprego e se dizem arrependidos por não concluírem o ensino médio, o que afeta a autoestima deles. Você consegue imaginar o impacto em sua vida, caso interrompa seus estudos antes de concluir a educação básica?

Embora nem sempre tenha sido assim, atualmente, cursar o Ensino Médio Integrado não impede você de prestar vestibular e concorrer a vagas em universidades. Você considera importante ter a possibilidade de cursar uma faculdade no futuro? Seria justo impedir jovens e adultos de ingressarem na faculdade, ofertando um ensino mais rápido, apenas para cumprir as necessidades momentâneas do mercado?

Na sua opinião, a falta de informação é um dos elementos que impede jovens e adultos na continuidade dos seus estudos? Mesmo que a informação não mude suas realidades, ela pode contribuir para ampliar oportunidades?

O Ensino Médio integrado propõe uma Educação integral. Essa educação baseia-se no desenvolvimento de conhecimentos gerais constituídos pela humanidade (português, matemática, química, biologia, física, artes, educação física, história, geografia) e conhecimentos específicos para determinada profissão. Por que algumas pessoas defendem que a classe trabalhadora só precisa saber aquilo que irão usar no trabalho? Você concorda com essa

Algumas pessoas defendem que só precisamos aprender aquilo que iremos usar para o trabalho. Algumas profissões desapareceram ou desaparecerão, enquanto surgem novas profissões a cada dia. Logo, como podemos limitar as aprendizagens? Quem segue essa teoria, poderá no futuro, ficar desatualizado e não conseguir se adaptar às novas realidades. Já parou para pensar que algumas pessoas defendem algo que irá trazer prejuízos a elas mesmas? Você

Ser jovem é um momento no qual se vive de forma mais intensa diversas transformações e elas estarão presentes, de alguma maneira, ao longo da vida. A transição do ensino fundamental para o ensino médio é uma delas. Você precisa pensar sobre isso. O que você pensa sobre essa mudança de escola?

A prova de seleção para ingresso nas vagas oferecidas nos cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio - Forma Integrada (IFSUL) - dar-se-á por dois sistemas de ingresso: por Acesso Universal e Reserva de Vagas para egressos de Escolas Públicas (cotas). Você conhece o sistema de cotas? Se não conhece, sabe onde buscar a informação?

Você sabia que os cursos ofertados nos Institutos Federais (IFSUL, IFRS, entre outros) são gratuitos? Você considera importante ser gratuito? Por quê?

Você sabia que os Institutos Federais (IFSUL, IFRS, entre outros) são instituições públicas de ensino? Você já ouviu pessoas se referirem a essas instituições como se não fossem públicas?

Para concorrer a vagas de ensino médio no Estado do Rio Grande do Sul, por exemplo, precisa ser feita a inscrição online e aguardar sorteio. Mesmo assim, muitos jovens perdem a vaga para matrícula. Que tipo de conselho você daria a seus colegas, para não perderem a matrícula no ensino médio? Como é a forma de ingresso no Ensino Médio na sua região?

O PROEJA (Ensino Médio integrado à EPT na modalidade EJA) destina-se a candidatos que tenham 18 (dezoito) anos completos ou mais. O processo seletivo de 2020 (IFSUL) foi composto por três etapas: avaliação do questionário de diagnóstico de realidade do candidato; redação de um texto de intenção e participação na palestra de apresentação do curso. Como você pode perceber, esse processo é diferente e não tem a prova objetiva. Qual deve ser a atenção do candidato nesse tipo de processo seletivo para que possa concorrer a vaga?

Referências:

ALTENFELDER, A. H. et al. Ensinar e Aprender no mundo digital: Fundamentos para a prática pedagógica na cultura digital. Cenpec – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária: São Paulo, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. Tempos líquidos. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

CALLEGARI, Cesar. O desafio de implementar a Base Nacional Comum Curricular. In: Educação em debate: um panorama abrangente e plural sobre os desafios da área para 2019-2022 em 46 artigos / organizadora Editora Moderna e Todos Pela Educação. — São Paulo: Moderna, 2018, p. 64-68.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. Revista Brasileira de Educação, n° 24, p.40-52. Set-Dez 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>. Acesso em: nov. 2018.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

DAYRELL, Juarez (Org.). Por uma pedagogia das juventudes: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. Por uma Pedagogia da Pergunta. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GRABOWSKI, Gabriel; KUENZER, Acácia Zeneida. A produção do conhecimento no campo da Educação Profissional no regime de acumulação flexível. Holos, v. 6, p. 22–32, 2016.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 2018.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2017. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 2018.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Brasil em desenvolvimento: Estado, planejamento e políticas públicas. Brasília: Ipea, 2018.

MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>. Acesso em: 10 nov. 2018.

MOURA, Dante Henrique. In: MOLL, Jaqueline (Org.). Ensino Médio e Educação Profissional: dualidade histórica e possibilidades de integração. In MOLL, Jaqueline et al. Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: Desafios, tensões e possibilidades. Porto Alegre: Artmed, 2010, 312p.

OCDE. Education at a Glance: OECD Indicators. Tradução: SILVA, Walkíria de Moraes Teixeira da. Coordenação de Editoração e Publicações (Coep) do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), 2018. Disponível em: http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/estatisticas_educacionais/ocde/education_at_a_glance/Country_Note_traduzido.pdf. Acesso em: 06 abr. 2019.

RAMOS, Marise. Trabalho, educação e correntes pedagógicas no Brasil: um estudo a partir da formação dos trabalhadores técnicos da saúde. / Marise Ramos. - Rio de Janeiro: EPSJV, UFRJ 2010.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Revista Brasileira de Educação. v. 12 n. 34 jan./abr. 2007 p. 161-162.

SIQUEIRA, Ivan. Educação Básica e Projeto de Nação. In: Educação em debate: um panorama abrangente e plural sobre os desafios da área para 2019-2022 em 46 artigos / organizadora Editora Moderna e Todos Pela Educação. — São Paulo: Moderna, 2018, p. 143-147.

Autoras

Prof.^a Angela Maria Queiroz

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4768813899733387>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1827-075X>
E-mail: angeladeletras@gmail.com

Prof. Dr^a. Andréia Modrzejewski Zucolotto

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7037993972765394>
E-mail: andrea.zucolotto@poa.ifrs.edu.br

Ilustração da capa
Júlia Queiroz Paludo

Vou para o Ensino Médio
E AGORA?



Catálogo dos vídeos educativos

Angela Maria Queiroz
Andréia Modrzejewski Zucolotto



Descrição Técnica do Produto

Nível de Ensino a que se destina o produto:

Ensino Fundamental/ Educação Básica

Área do Conhecimento: Ensino

Público Alvo: Estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental

Categoria deste produto: audiovisual

Finalidade:

Estratégias para orientar estudantes, concluintes do Ensino Fundamental, para a continuidade da trajetória escolar no Ensino Médio, na perspectiva da Educação Profissional e Tecnológica, inclusive na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA).

Organização do Produto:

Este catálogo contém os links dos vídeos educativos que integra a proposta de ensino denominada Maleta Pedagógica. A Maleta Pedagógica é composta por: material textual (livro com textos do gênero conto contendo dezoito histórias, livro-caixinha contendo cem perguntas) e audiovisual (seis vídeos educativos) desenvolvidos para reflexão e orientação no ingresso ao Ensino Médio Integrado à Educação Profissional e Tecnológica.

Registro do Produto:

Disponibilidade:

Irrestrita, mantendo-se o respeito a autoria do produto, não sendo permitido uso comercial por terceiros.

Divulgação:

Por meio digital.

Idioma: Português

Cidade: Porto Alegre | **País:** Brasil

Ano: 2020

Origem do Produto:

Desenvolvido no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Rio Grande do Sul - Campus Porto Alegre – ProfEPT – IFRS-POA.

APRESENTAÇÃO

Os vídeos educativos da série “Vou para o ensino médio e agora?” visam a despertar no aluno a possibilidade de continuar sua escolaridade para o Ensino Médio (EM), conhecer mais a respeito da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) e orientar as formas de ingresso nessas instituições. Elaborei este catálogo contendo os links dos seis episódios que integram a *Maleta Pedagógica* como forma de facilitar a divulgação e acesso ao material.

No primeiro episódio busquei localizar o estudante dentro da trajetória escolar, ao explicar como a Educação Básica Brasileira está organizada. O intuito foi explicar ao estudante o percurso escolar, situando-o onde está e para onde pode ir, dando sequência a seus estudos (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio).

No episódio dois, a proposta foi apresentar os conceitos sobre Ensino Médio Integrado (EMI) à EPT e PROEJA.

O episódio três tem por objetivo oferecer ao aluno a oportunidade para conhecer alguns caminhos sobre as instituições que ofertam essa modalidade no município e no estado (caso ofertem). Usei o exemplo da rede estadual do Rio Grande do Sul, mas as orientações de busca podem ser utilizadas para qualquer região do Brasil.

O quarto episódio irá tratar sobre a rede federal, a qual também oferta EMI à EPT. Para exemplificar, demonstrei como são divulgados os cursos e editais no contexto do IFRS e do IFSul. Novamente, são exemplos que servem de base para outros tipos de instituições da Rede Federal.

O quinto episódio aborda dois aspectos que podem auxiliar o estudante no ingresso de cursos da rede federal: curso preparatório e sistema de cotas. Aqui descrevemos os exemplos do Pré-IFRS, projeto conduzido pelo IFRS e o curso preparatório gratuito para o vestibular do IFSul (Pré-IFSul). Após essa orientação, apresentamos o sistema de cotas, vagas reservadas para estudantes de escolas públicas.

Por fim, o episódio seis é dedicado à comunidade escolar que fez parte da pesquisa intitulada “Construindo pontes entre Educação Profissional e Tecnológica e o mundo do trabalho para alunos concluintes do Ensino Fundamental” e a todas as pessoas envolvidas direta ou indiretamente no trabalho, como uma forma de retribuir o apoio dado para a pesquisa científica que norteou a elaboração do material educativo, no qual se espera beneficiar os estudantes em fase de transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio em todo o Brasil. Mesmo esse vídeo sendo mais direcionado a um determinado público, tem potencial de aplicabilidade em outras regiões, pois poderá estimular estudantes e educadores a buscar informações das escolas de EMI à EPT da sua região. Quem sabe esse exemplo possa inspirar cada comunidade a criar seu próprio vídeo, a fim de divulgar entre os estudantes concluintes ou já formados no EF?

A criação dos vídeos, da mesma forma, partiu da análise que fiz dos resultados da pesquisa. Diante do evidente desconhecimento das formas de ingresso para o EMI e PROEJA, elaborei roteiros que pudessem orientar o aluno nesta transição.

Os vídeos atendem à realidade local, onde a pesquisa aconteceu, entretanto, atingem objetivos mais amplos, garantindo a reusabilidade do produto educacional (PE), podendo ser aplicado em outros contextos. Ainda que tenha partido de uma comunidade específica, toda a produção visou garantir que tenha ampla aplicação

em outras escolas.

Os episódios, quando trazem exemplos locais, são explicativos, para que os estudantes aprendam de forma concreta como buscar escolas, cursos e informações sobre processos seletivos em qualquer região do Brasil.

O material incentiva o interesse pela continuidade da trajetória escolar, o que é importante para estudantes de qualquer região. Para tornar o material atrativo, criei roteiros que pudessem produzir vídeos curtos, em torno de dez minutos, divididos em seis episódios.

O texto e a edição do vídeo foram dirigidos ao tema e ao público-alvo. O PE tem como tema central educação e trabalho. O título, que denomina o conjunto dos episódios, remete a ideia de uma série: “Vou para o ensino médio e agora”? O público-alvo é alunos das etapas finais, na modalidade EJA e anos finais do EF de 9 anos. Por esta razão, pensei em uma dinâmica que envolvessem imagens, textos, movimento, som que despertassem a atenção tanto do jovem, quanto do adulto.

Os temas de edição de vídeo remetem a filmes, games e história em quadrinhos. Um “avatar” é quem apresenta o conteúdo. Essa escolha foi mais um recurso atrativo, aliando o conteúdo necessário a uma apreciação leve e visualmente animada, mesmo em se tratando de uma temática séria.

A definição do tempo do vídeo foi pensada de acordo com o público e os objetivos propostos, obedecendo a uma ordem lógica de começo, meio e fim. Procurei usar uma linguagem conversacional, com parágrafos curtos, de forma objetiva, clara e direta, mais próxima de uma linguagem oral, individualizando a mensagem ao utilizar termos como “você”, “seu” ou “sua” durante a escrita e a fala, salvo nos casos em que foram usadas citações.

Embora use o recurso conversacional, utilizo citações e dados formais, com o intuito de dar o embasamento teórico, o qual é tão importante quanto o sucesso da comunicação. O desenvolvimento de materiais educativos, de acordo com Kaplún (2003), baseia-se em três dimensões basilares: o eixo conceitual, o pedagógico e o comunicacional. Para que um produto de fato seja educativo é necessário que ocorra uma coesão entre os três eixos. Essa abordagem foi utilizada na produção dos vídeos.

Elaborei o conteúdo informativo com base nos editais de 2019 sobre processos de inscrição da rede estadual e federal de algumas cidades da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), no Rio Grande do Sul (Sapucaia do Sul, Esteio, São Leopoldo e Canoas) e uma Fundação de Ensino de Novo Hamburgo. Além das informações sobre as instituições e cursos, também foram utilizadas frases de especialistas, que se articulam com a pesquisa e subsidiam a fundamentação teórica, para provocar a reflexão e chamar a atenção do público com relação à educação e ao trabalho. Mesmo que o conteúdo tenha usado exemplos da RMPA, as informações são abertas e orientam que a busca possa ser ampliada em diferentes regiões do país, usando aquelas informações como modelo.

Este material é fruto da pesquisa do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT. O percurso da investigação contribuiu para a construção da Maleta Pedagógica, contendo o livro de contos, o livro-caixinha de perguntas e vídeos educativos. Sugere-se o trabalho com esses materiais de forma conjunta e mediada por educadores.

Sua aplicação é de uso livre nos espaços escolares, e pode ser adotado em diferentes contextos de sala de aula, no entanto, enfatiza-se a importância de que sua leitura seja acompanhada do debate em sala de aula.

A seguir estão apresentados os seis vídeos elaborados ao longo da

investigação e seus *links* na web, onde estão depositados, com um pequeno descritivo do conteúdo de cada um deles.

Ao utilizar os vídeos em aulas, sugere-se que o professor se aproprie das dinâmicas e especificidades de metodologias de inscrições e dos tipos de escolas de Ensino Médio de sua região, a fim de complementar a explanação trazida pelos vídeos, ainda que os mesmos possam ser indicados para uso isolado ou em conjunto associados ou não com outras abordagens de aula sobre a transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio.

Episódio 1

Organização da Educação Básica Brasileira

Localiza o estudante dentro da trajetória escolar ao explicar como a Educação Básica Brasileira está organizada. O aluno visualiza a noção do todo (Educação Básica), para que o estudante perceba o caminho que percorreu, onde está e para onde ir (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio). Tempo de duração: 3'17"

Link de acesso: https://youtu.be/LBX0ohJZ_Jc



Episódio 2

Conceito de Ensino Médio Integrado à EPT e PROEJA

A proposta é apresentar os conceitos sobre o que é Ensino Médio Integrado à EPT e PROEJA. Tempo de duração: 7'17"

Link de acesso: <https://youtu.be/XjX6JQwMAhI>



Episódio 3

Onde buscar informações sobre oferta de Cursos de Ensino Médio Integrado à EPT? - Rede Municipal e Estadual

O aluno irá conhecer alguns caminhos para encontrar as instituições que ofertam essa modalidade no município e no estado (caso ofertem). O exemplo apresentado é da rede estadual do Rio Grande do Sul, mas as orientações de busca podem ser utilizadas para qualquer região do Brasil. Tempo de duração: 9'5"

Link de acesso: <https://youtu.be/fD-Y2C3Yark>



NOTA

Os vídeos educativos da série *Vou para o ensino médio e agora?* visam despertar no aluno a possibilidade de continuar sua escolaridade para o Ensino Médio, conhecer mais a respeito da Educação Profissional e Tecnológica da região e orientar as formas de ingresso nessas instituições.